

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

HISTÓRIA - AMÉRICA LATINA



**REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA E REALISMO  
MÁGICO NO ROMANCE A ILHA SOB O MAR (2010)  
DE ISABEL ALLENDE**

**MAYARA DOS SANTOS  
BRAULINO**





Universidade Federal  
da Integração  
Latino-Americana

# Foz do Iguaçu 2023

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

HISTÓRIA - AMÉRICA LATINA

**REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA E REALISMO  
MÁGICO NO ROMANCE A ILHA SOB O MAR (2010)  
DE ISABEL ALLENDE**

**MAYARA DOS SANTOS  
BRAULINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História - América Latina.

Orientador: Prof. Dr. Evander Ruthieri Saturno da Silva

Foz do Iguaçu  
2023 ☐

NOME DO(S) AUTOR(ES) MAYARA DOS SANTOS BRAULINO

**TÍTULO DO TRABALHO: REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA E REALISMO  
MÁGICO NO ROMANCE A ILHA SOB O MAR DE ISABEL ALLENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de

Arte, Cultura e História da  
Universidade Federal da  
Integração Latino-Americana,  
como requisito parcial à  
obtenção do título de  
Bacharel em História -  
América Latina.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Evander Ruthieri S. da Silva  
(UNILA)

---

Profa. Dra. Ana Rita Uhle  
(UNILA)

---

Prof. Dr. Emerson Pereti  
(UNILA)

Foz do Iguaçu, 14 de junho de 2023 ☐

### **TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS**

Nome completo do autor(a): Mayara dos Santos Braulino

---

---

Curso: História - América Latina

---

Tipo de Documento



Dedico este trabalho a  
minha mãe pelo incentivo  
à leitura na minha  
infância.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço ao meu professor orientador pela constante orientação neste trabalho, muitas vezes me senti perdida e sem rumo e seu incentivo foi fundamental para que eu não desistisse do projeto. Agradeço à Unila pela oportunidade de ensino público e de qualidade, por todas as trocas que cultivei nessa tríplice fronteira. Agradeço imensamente às minhas amigas e amigos por serem minha família, e agradeço também a minha família de sangue por me incentivar e acreditar nos meus sonhos. Por fim agradeço a minha religião por ser a raiz que me sustenta nessa terra, imensa gratidão à ancestralidade divina.



## RESUMO

Esta monografia procura repensar as interpretações existentes sobre a maneira de se conhecer um fato histórico por meio da escrita de Isabel Allende, através da representação histórica oriunda da articulação entre a história e a literatura, sob o prisma do realismo mágico latino americano, e tem como objeto de análise o romance “A Ilha Sob o Mar”, realizado através do diálogo obtido com as fontes acerca da revolução haitiana, pensamos a representação sobre os temas abordados na narrativa, em conjunção com a história cultural.

**Palavras-chave:** literatura; historia; realismo magico; Isabel Allende; Haiti;



## RESUMEN

Esta monografía busca repensar las interpretaciones existentes sobre la forma de conocer un hecho histórico a través de la escritura de Isabel Allende, a través de la representación histórica que surge de la articulación entre historia y literatura, bajo el prisma del realismo mágico latinoamericano, y tiene como objetivo objeto de análisis la novela "A Ilha Sob o Mar", realizada a través del diálogo obtenido con las fuentes sobre la revolución

haitiana, pensamos la representación sobre los temas abordados en la narrativa, en conjunto con la historia cultural.

Palabras clave: literatura; historia; realismo magico; Isabel Allende; Haití;

□

## ABSTRACT

This monograph seeks to rethink the existing interpretations on the way of knowing a historical fact through the writing of Isabel Allende, through the historical representation that arises from the articulation between history and literature, under the prism of Latin American magical realism, and has as an object of analysis the soap opera "A Ilha Sob o Mar", carried out through the dialogue obtained with the sources about the haitian revolution, we thought about the representation of the themes approached in the narrative, together with the cultural history.

Keywords: literature; history; magical realism; Isabel Allende; Haiti;

□

## SUMÁRIO

<b><u>1 INTRODUÇÃO</u></b>	<b><u>12</u></b>
<b><u>2 HISTÓRIA E LITERATURA: ISABEL ALLENDE E O REALISMO MÁGICO</u></b>	<b><u>17</u></b>
<u>2.1 Pensar o passado a partir da literatura:</u>	<u>17</u>
<u>2.2 A trajetória de Isabel Allende e os caminhos da escrita literária</u>	<u>20</u>
<u>2.3 História, literatura e o realismo mágico na América Latina</u>	<u>30</u>
<b><u>3 A REVOLUÇÃO HAITIANA ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA</u></b>	<b><u>36</u></b>
<u>3.1 Revolução haitiana: breve contextualização</u>	<u>36</u>
<u>3.2 A revolução haitiana na literatura e na história</u>	<u>46</u>
<b><u>4. ZARITÉ E A REVOLUÇÃO HAITIANA: O PROTAGONISMO FEMININO EM A ILHA SOB O MAR</u></b>	
<b><u>4.1 Primeira parte: Saint Domingue</u></b>	<b><u>51</u></b>
<u>4.2 Segunda parte: Louisiana</u>	<u>53</u>
<u>4.3. Os caminhos para a revolta</u>	<u>57</u>



## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta pesquisa consiste em uma análise da representação histórica da revolução haitiana (1791-1804) e do realismo mágico no romance *A Ilha Sob o Mar*, de autoria da escritora chilena Isabel Allende em 2009 e publicado em 2010. O romance se passa na ilha de São Domingos, atual Haiti, e narra uma série de episódios que antecedem a revolução haitiana no século XVIII, bem como a trajetória de diversos personagens envolvidos, direta ou indiretamente, com o contexto que marcou o fim do escravismo e do colonialismo na Ilha de São Domingos. Além de trabalhar a revolução de maneira geral, também representa aspectos relevantes sobre as questões de gênero, raça e classe, e dos elementos ritualísticos do vodu haitiano, que configuram o romance dentro do realismo mágico, modalidade literária nascida dentro da América Latina e Caribe.

A romancista Isabel Allende nasceu em Lima, no Peru, em agosto de 1942, mas mudou-se para o Chile ainda muito pequena. Iniciou seu trabalho como jornalista na juventude, e durante o auto-exílio na Venezuela, devido à ditadura chilena, pode dedicar-se à escrita de seu primeiro romance, *A Casa dos Espíritos* (*La casa de los espíritus*), publicado em 1982 e considerado como um dos marcos do realismo mágico no continente. Para investigar a produção literária de Isabel Allende, destacamos o realismo mágico, o qual se configura como um gênero próprio da vanguarda latino-americana, e tem como objetivo compreender as modernidades latino-americanas através de criações literárias que discutem temas acerca da herança colonial e a violência da realidade histórica do continente, além de retratar as experiências históricas e políticas da América Latina e Caribe, ou seja, diferentemente do fantástico europeu, que assume uma postura brutal de mistério, o realismo mágico assume uma postura diante de uma realidade que dialoga com a

conotação política e histórica do continente. Temas como independências, revoluções, golpes de estado, disputas religiosas e conflitos por terra, por exemplo, são recorrentes nas obras do realismo mágico, configurando uma narrativa ficcional e historiográfica, e nesse teor de censura e denúncia, tem como objetivo modificar a visão do imposto como verdadeiro, para

O romance *A Ilha Sob o Mar* pode ser considerado um romance histórico, tendo em vista características que marcam o enredo, os acontecimentos narrados e as inspirações da autora para escrevê-lo. De acordo com Marilene Weinhardt (1994), enquanto a epopeia se caracteriza como um passado absoluto fechado e inquestionável a ser reverenciado sem crítica, o romance trata de um passado histórico ainda vivo e sujeito a revisão, ou seja, um fato histórico ganha personagens, que são trespassados por acontecimentos reais, personagens estes inventados ou sendo sujeitos históricos também, ganham características mundanas, vivem, sofrem, amam, e nos aproximam de um acontecimento tão distante, mas que muitas vezes reverbera até o tempo presente. Dessa forma, compreender *A Ilha Sob o Mar* como um romance histórico marca o ponto de partida da investigação, especialmente para pensar a construção de representações literárias sobre a revolta dos negros na Ilha de São Domingos, e os personagens históricos envolvidos, a exemplo de Toussaint Louverture (1743-1803), cujas ações culminaram no estabelecimento da primeira república negra fora da África.

De forma preliminar, destacamos que o romance é alternado entre a narração da protagonista, Zarité, e a narração em terceira pessoa que enfoca as vivências e experiências dos demais personagens, e assim, Allende aborda diversos pontos de vista sobre um mesmo acontecimento, revelando as motivações e vontades de cada personagem. Porém, os capítulos em primeira pessoa, narrados por Zarité, aproximam os leitores da protagonista, já que suas impressões, sensações, sentimentos e questionamentos tomam uma dimensão pessoal. Durante a obra, Allende apresenta diferentes pontos de vista e interpretações por meio de cada personagem, e esse contraste se faz mais presente à medida em que coloca frente a frente

diferentes experiências culturais, como, por exemplo, as culturas africanas e europeia no processo de formação da sociedade colonial no Haiti:

Ao contrário da historiografia oficial, que tende a privilegiar, de forma etnocêntrica, o ponto de vista do elemento europeu, dominador naquelas circunstâncias, Isabel Allende a equipara, sobrepujando-a muitas vezes, em importância, lógica, apego a valores, família, moral e religiosidade, à cultura de origem africana, contribuindo para desmistificar a noção, por tantos anos e autores constituída, de que esta seria “selvagem”. (EICH, 2015, p. 76).

Em ambas as formas de narrativa que nos é apresentada a obra, a noção de crítica feminista é reforçada e se contrapõe à sociedade colonial, patriarcal e escravocrata, sobretudo com relação às questões culturais e dos contextos com o qual as vidas das personagens vão se apresentando. Ou seja, conhecemos o mundo como era no século XVIII na Ilha de São Domingos a partir da vivência de Zarité, já que Isabel Allende constrói a história a partir do ponto de vista de uma mulher subalternizada. De acordo com Gayatri Spivak (2010), no texto *Pode o subalterno falar?*, o termo subalterno se refere a todo sujeito marginalizado, mas aquele cuja voz não tem argumentação ou sequer é ouvida, ou seja, as camadas mais baixas da sociedade, excluídos das políticas públicas e da representação legal, sem possibilidade de tornarem-se membros plenos na sociedade dominante, cujo é exercido um poder de abuso.

Isabel Allende apresenta portanto todos esses personagens que vivenciam a revolução dentro de suas particularidades, incluindo a protagonista, Zarité, em que seu processo será discutido posteriormente. Assim, podemos entender sob diversos pontos de vista como a trama se desenvolve, com destaque para as circunstâncias que levaram ao estopim da revolução, iniciando com François Mackandal (c. 1730-1758), passando por Dutty Bouckman (c. 1767-1791), o próprio Toussaint, os soldados franceses, os brancos colonos, os negros escravizados, fugitivos, mulatos e negros livres, além do protagonismo das mulheres ativamente envolvidas naquele contexto. Segundo Isabel Allende:

O romance é um projecto de longo fôlego para o qual contam sobretudo a resistência e a disciplina, é como bordar uma complicada tapeçaria com fios de muitas cores, trabalha-se pelo avesso, pacientemente, ponto por ponto, cuidando dos pormenores para que não fiquem nós visíveis, seguindo um desenho vago que só se aprecia no final, quando se dá a última laçada e se volta o tapete a direito para ver o desenho acabado. Com um pouco de sorte, o encanto do conjunto dissimula os defeitos e torpezas da tarefa (ALLENDE, 1994, p.399,400)

Desse modo, Isabel Allende nos apresenta a revolução haitiana buscando unir todos esses pontos, ao mesmo tempo que cada realidade é divergente e contrastante entre si, o que constitui as marcas do realismo mágico na obra, sobretudo pela multiplicidade das vozes e perspectivas que nos são apresentadas. E ao final da primeira parte do romance, não chegamos a qualquer entendimento concreto sobre os acontecimentos, pois Zarité parte para outro lugar no auge da revolução, e só escuta notícias vindas de longe de sua terra natal. A revolução, portanto, no romance, não tem começo, meio e fim: ela acontece no presente e acompanha os desdobramentos das personagens perante aos acontecimentos que vão ocorrendo sucessivamente.

Ao abordarmos o romance de Isabel Allende como fonte histórica, partimos também das reflexões teórico-metodológicas e historiográficas acerca da aproximação entre História e Literatura. No passado, especialmente no âmbito da chamada “história positivista”, a fonte histórica era considerada como um documento de expressão da verdade sobre o passado, e eram vinculadas à política estatal, onde a preocupação era com a ordem cronológica dos acontecimentos políticos nacionais, onde os textos literários não eram considerados documentos fiéis para a verdade histórica.

Com o movimento de renovação da historiografia a partir da segunda metade do século XX, o uso da literatura como fonte histórica, passou a ter um lugar mais bem aceito, pois são documentos que permitem a compreensão da complexidade das experiências humanas, levando em conta os processos sociais, econômicos e culturais pertinentes à História Cultural, e portanto, possibilitam conceber a literatura como objeto cultural e conseqüentemente como parte construtiva de um contexto histórico. Através da literatura, podemos pensar em outras formas de perceber e sentir o mundo social, que acarreta em um processo de reconfiguração de um tempo. Por esse motivo, a pesquisa se articula aos debates teórico-metodológicos em torno do conceito de “representações”, considerando-as como discursos (a exemplo de imagens e textos), que fazem com quem as sociedades “percebam a realidade e pautem a sua

existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real” (PESAVENTO, 2012, p. 39).

A metodologia utilizada para esta pesquisa é a da análise do discurso, que se caracteriza pela intersecção entre língua, sujeito e história. De acordo com Iran Ferreira de Melo (2009), a análise do discurso surgiu na França na segunda metade do século XX, após alguns estudantes passarem a questionar o funcionamento da linguagem em uso, criticando a perspectiva estruturalista entre discurso e texto, onde o sujeito do discurso representava um reproduzidor de uma mensagem em uma estrutura invariável, ou seja, um depósito de ideologia, que atuava através da materialização da ideologia sem vontade própria. A partir disso, a análise do discurso passou a ser estudada enquanto uma prática social que relaciona o sujeito e o texto, ou seja, o discurso não opera sobre a realidade das coisas, mas sobre outros discursos, e enfim, na relação polêmica com o outro, a partir de uma perspectiva psicossocial, propenso ao molde ideológico e linguístico, como agente transformador de suas práticas discursivas, “o objeto de estudo de qualquer análise do discurso não se trata tão somente da língua, mas o que há por meio dela: relações de poder, institucionalização de identidades sociais, processos de inconsciência ideológica, enfim, diversas manifestações humanas”. (MELO, 2009, p. 3).

Portanto, através da análise do discurso, compreendemos os caminhos da escrita de Isabel Allende, assim como a escolha de dar a narrativa em primeira pessoa a Zarité, ao mesmo tempo que adentra o ponto de vista de outros personagens, fazendo com que o texto seja compreendido em seus princípios significativos, dentro da comunicação entre os personagens e acontecimentos, e através disso, compreendemos, pela análise, as ideologias no interior dos discursos.

Com isso, no primeiro capítulo discutimos a relação entre a história e a literatura, e o uso das fontes literárias para contar a história. Dentro disso, conhecemos a trajetória da romancista, Isabel Allende, e os caminhos de sua escrita enquanto mulher latino americana, autora de romances históricos configurados

dentro do realismo mágico, tema que é discutido na última parte do primeiro capítulo, e que nos permite abordar, ao final, um questionamento acerca das dimensões de gênero, afinal de contas, sendo Isabel Allende um dos poucos nomes femininos conhecidos dentro da literatura realista mágica, o romance a ser analisado nessa monografia possibilita destacar o forte impacto do protagonismo feminino e negro.

No segundo capítulo, conhecemos a história do Haiti, local onde se passa o romance de Allende. A construção de um romance histórico advém de pesquisas minuciosas, das quais Isabel teve de banhar-se, e assim contamos a história do Haiti a partir da revolução que culminou no fim da escravidão e na construção da primeira república negra no continente.

Na segunda parte deste capítulo, discutimos sobre a revolução haitiana na literatura, já que a mesma foi tematizada pela literatura latino americana como exemplo na luta contra o colonialismo, e também mapeamos alguns historiadores caribenhos que, ao longo do século XIX e XX, também tematizaram o processo revolucionário.

No terceiro capítulo, primeiramente fizemos um resumo do romance *A Ilha Sob o Mar*, dividido em duas partes. Depois temos uma análise da revolução dentro da narrativa, trazendo comparações com *El Reino Deste Mundo* sobre elementos cruciais na revolução, como a cerimônia de Bois Cayman. Na última parte refletimos sobre a emancipação pessoal, a revolução da personagem principal, Zarité, trazendo reflexões sobre as questões de gênero e raça.

## **2 HISTÓRIA E LITERATURA: ISABEL ALLENDE E O REALISMO MÁGICO**

### **2.1 - Pensar o passado a partir da literatura:**

O uso da literatura como fonte histórica já foi objeto de polêmicas teórico-metodológicas, afinal a literatura, por lidar diretamente com elementos da ficção e do

imaginário, é propícia a múltiplas leituras e, durante muito tempo, associada a um conhecimento demasiadamente subjetivo e incapaz de fornecer informações para a investigação histórica. Até meados do século XIX, momento de institucionalização da História enquanto ciência, a fonte histórica era considerada como um documento da expressão da verdade sobre o passado. Assim, por exemplo, convém citar os historiadores associados à escola metódica francesa, sobretudo a partir da década de 1870, os quais estabeleceram parâmetros metodológicos orientadores da crítica interna e externa das fontes com o objetivo de assegurar a autenticidade documental para reconstituir objetivamente o passado numa correlação explicativa de causas e consequências. Foi nessas circunstâncias que as fontes escritas, preferencialmente de caráter oficial e vinculadas à política estatal, ganharam o status de documentos verdadeiros para uma escrita da história preocupada, sobretudo, com o encadeamento cronológico dos acontecimentos políticos nacionais.

Nessa perspectiva, “os textos literários, assim como outras fontes artísticas, não eram considerados documentos fidedignos para atestar a verdade histórica”. (FERREIRA, 2017, p. 63). Com o movimento de renovação da historiografia na segunda metade do século XX, a história passa a ser orientada para um olhar voltado à compreensão da complexidade e da totalidade das experiências humanas, com ênfase aos processos sociais e econômicos e aos aspectos culturais das civilizações. Este movimento de ampliação dos métodos e problemas de investigação histórica, em especial no âmbito da História Cultural e da História Social da Cultura, levou a uma nova maneira de estudar o passado na sua complexidade que não seja somente aquela de ordem cronológica que conta a história das nações de maneira individual. Isso criou uma dilatação nos territórios temáticos da história, de modo que a fonte histórica, o documento a ser analisado, deixa de ser entendido como expressão da verdade para ser analisado como um monumento, e com isso podemos trabalhar outra maneira de entender a cultura através da história. Assim, como afirma Sandra Jatahy Pesavento (2012), ao utilizar a literatura como fonte histórica é possível resgatar as sensibilidades de uma época, os

valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento dado no passado, ou em ver como as pessoas representavam a si próprias e ao mundo.

Esse posicionamento teórico-metodológico possibilita conceber a literatura como um objeto cultural, portanto parte constitutiva de um contexto histórico, e, por isso mesmo, capaz de fornecer pistas acerca do modo como romancistas e escritores, ao longo do tempo, representavam e ressignificavam, por meio da escrita literária, formas de sentir e pensar o mundo social. As narrativas literárias respondem a perguntas, expectativas, temores e desejos sobre a realidade. Assim, entende-se que a história e a literatura são ambas narrativas que constroem um enredo e desvendam uma trama, tendo como referencial o real, sendo para negar, ultrapassar ou transfigura-lo, afinal, o que é real? O que é a verdade? Sob quais pontos de vista estamos conhecendo uma história quando nos é apresentada? A literatura se vale da história através da invenção e do recurso ficcional, e uma possibilidade metodológica de pensar nessa relação converge na “análise do discurso”, para investigar os entrelaçamentos entre literatura e sociedade, ou ainda o papel dos discursos literários nos processos de “na manutenção e na mudança das relações sociais de poder” (MELLO, 2009, p. 9)

Há diversos significados para a palavra “ficção”. A princípio, algo inventado, e se os documentos oficiais eram a verdade absoluta, as fontes verdadeiras, então qualquer coisa inventada não poderia ser levada a sério. Esse foi o esforço da tradição do pensamento ocidental de afastar a história da ficção, afirmando que não há versões, existe a história oficial e verdadeira, dentro do saber racional. “Porém, podemos compreender a ficção de uma maneira positiva e construtiva, na saída entre a verdade e a mentira, lugar que seria ocupado, por exemplo, pelo mito, pela Literatura e...pela História!” (FERREIRA, 2017, p.34). Ou seja, é possível situar a ficção além do verdadeiro e do falso, tendo em vista que o ser humano é fundamentado pela imaginação, assim, podemos entender a literatura como tradução de uma alteridade no tempo, capaz de criar recursos para compreender o mundo ao nosso redor. Nesse ponto, convém estabelecer um diálogo com os debates

fomentados pela historiadora Natalie Zemon Davis a respeito da noção de ficção. Em sua obra *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*, Davis resgata um sentido arcaico do termo, que antecede a constituição da história enquanto disciplina científica no século XIX, e que não implica necessariamente na falsidade ou no fantasioso, mas com o plausível e o possível, com um regime de verossimilhança. Pelo ficcional, Davis compreende, “usando um sentido mais amplo, da raiz  *fingere* – os elementos formadores, modeladores e construtivos: a elaboração de uma narrativa” (DAVIS, 2001, p. 17).

Através da literatura, é possível apreender os processos de reconfiguração de um tempo, pois esse tempo se constrói através de uma outra temporalidade: um tempo literário. Dessa forma, a narrativa literária “não cessa de fazer a transição entre a experiência antes do texto e a experiência depois do texto” (RICOEUR, 2010, p. 128). A natureza simbólica da escrita juntamente a condição de leitura, cria possibilidades diversas de interpretações. Quando lemos, podemos retornar a um tempo que parecia congelado, como se houvesse a abertura de um outro espaço, pois se inicia uma nova atividade psíquica. O espaço dentro da leitura, o tempo que passa quando estamos lendo, e toda a vinculação feita com os personagens, espaços, tempos, autores e autoras, faz parte de um processo sensorial da leitura. Não se trata de uma evasão do mundo, mas de inventar um ponto de apoio para lidar com o mundo aqui e agora, de introduzir um canto na realidade. De fato, o que os leitores descrevem quando se referem a esses saltos para fora de suas realidades cotidianas provocado por um texto não é tanto uma fuga, como é dito frequentemente, de maneira um pouco depreciativa (acreditando-se que seria mais honrável se dedicar totalmente a sua dor ou ao seu tédio), mas uma verdadeira abertura para um outro lugar, onde o devaneio, e portanto o pensamento, a lembrança, a imaginação de um futuro tornam-se possíveis. “Em contextos violentos, uma parte deles já não é mais feita de refém; ela escapa a lei do lugar ou aos conflitos cotidianos.” (PETIT, 2008, p.76).

Assim, a História e a Literatura servem como modalidades de um exercício de reconstrução do mundo, de reconfiguração do tempo e de indagação da

realidade. Nos anos 60 e 70 do século XX, a Literatura se definia como engajada e militante, portadora de um compromisso definido com o social, cabendo também à História um perfil crítico e politicamente correto, na sua missão de denúncia das injustiças sociais. Ambas se colocavam a serviço de uma causa, que definia assim o seu valor e positividade. Hoje, são outras as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas histórica e literária, entendendo-as como discursos que estabelecem relações complexas com o mundo social e cultural. Essas relações entre textos e contextos podem ser mediadas a partir das representações sociais produzidas pela literatura, isto é, as “matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real” (PESAVENTO, 2012, p. 39). Por este motivo, é preciso considerar os efeitos das narrativas literárias, em especial por mobilizarem sensibilidades: pensamentos, emoções e possibilidades de ação, incluindo uma fluidez entre corpo e espírito, liberando uma energia que pode ser utilizada e apropriada para sair de um estado de letargia, onde a pessoa que lê se encontrava imobilizada, pois os espaços em crise são novamente habitáveis e recuperados de maneira simbólica, imaginária, lendária, com marcos e referências.

Além disso, é importante refletir sobre a contribuição da leitura para as pessoas em relação a perda da representação de si, como luto, desilusão amorosa, doença, conflitos no país, que pode, ou não, ser reconstruída através da leitura. Isabel Allende inicia seu trabalho como escritora de romances depois dela ser exilada durante a ditadura no Chile, e escreve seu primeiro romance *A casa dos espíritos*, inspirada em uma história familiar. Essa informação é adquirida na narrativa autobiográfica *Paula*, que conta toda a história de si mesma e da família para a sua filha em coma, na intenção de que ao acordar, caso tenha esquecido algo, possa então ler os escritos de sua mãe e recordar da onde vem.

Como a leitura pode garantir essas forças da vida? Uma pessoa em crise, como a leitura pode contribuir?

Para Isabel Allende, a leitura, e conseqüentemente a escrita, esteve presente em períodos muito conturbados de sua vida, que seriam o exílio e a doença e morte de

sua filha Paula.

Vividas como rupturas, ainda mais quando são acompanhadas da separação dos próximos, da perda da casa ou das paisagens familiares, as crises os confinam em um tempo imediato - sem projeto, sem futuro - em um espaço sem linha de fuga. Despertam feridas antigas, reativam o medo do abandono, abalam o sentimento de continuidade de si a autoestima. Provocam às vezes uma perda total de sentido, mas podem igualmente estimular a criatividade e a inventividade, contribuindo para que outros equilíbrios sejam forjados, pois em nosso psiquismo, como disse René Kaes, uma "crise libera, ao mesmo tempo, forças de morte e forças de regeneração" O desastre e a crise são também, e sobretudo, oportunidades". (PETIT, 2008, p.21).

Isabel Allende pensou uma forma de representar um mundo do qual ela não fez parte. Ela não estava no Haiti no século XVIII durante a independência para saber tudo que aconteceu, ela pesquisou e a partir de seus estudos criou uma narrativa literária que conta a história. Assim, "suas estratégias ficcionais estão presentes na escolha, seleção e rejeição de materiais, organização de um enredo, escolha e uso de palavras e metáforas, desvendamento de sentidos implícitos". (FERREIRA, 2011, p.35). Através disso ela cria uma ficcionalização da história e uma historização da ficção literária. Ela constrói uma experiência do vivido, reconstitui uma temporalidade através da sua imaginação. A escritora concebe a fonte literária de maneira a refletir sobre a experiência subjetiva das pessoas no tempo, interagindo com os contextos sociais e culturais.

## **2.2 A trajetória de Isabel Allende e os caminhos da escrita literária**

De acordo com o historiador Peter Gay, a pesquisa histórica a partir de fontes literárias deve "procurar conhecer não apenas a ficção em questão, mas seu criador e a sociedade desse escritor", para assim compreender o mundo cultural no qual o romancista faz parte, e também "como ele o elabora" (GAY, 2010, p. 24) a partir de sua escrita literária. Desta forma, buscamos, nesse subcapítulo, uma atenção especial à trajetória intelectual de Isabel Allende, considerando-se as "linhas que convergem para o nome e que dela partem, compondo uma espécie de teia de malha fina" e que fornecem "a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido" (GINZBURG, 1989, p. 175), mas que igualmente se atenta às guinadas estratégicas, as "mudanças de rota, os percalços, os acasos, os

possíveis de cada existência” (SCHMIDT, 2014, p. 116). A ênfase recai, de forma mais específica, nos impactos da ditadura chilena e do exílio na trajetória de Isabel Allende - e, para além disso, o modo como que a romancista reelabora e reescreve seus itinerários a partir de seu romance autobiográfico, *Paula*, publicado originalmente em 1994.

Ao mobilizarmos o romance autobiográfico como fonte para investigação da trajetória de Isabel Allende, consideramos fundamental uma atenção teórico-metodológica à natureza da documentação: a autobiografia, entendendo-a como a “reconstituição da experiência vivida numa construção ‘para a leitura’”, o que não implica em uma “posição ‘monolítica’ e ‘linear’ do sujeito da criação, uma vez que o escritor, no processo de produção da narrativa, se move continuamente entre o que ‘é’ e o que ‘poderia ser’” (ALBERTI, 1991, p. 66). Além disso, a “narrativa autobiográfica sempre é inspirada, ao menos em parte, pela preocupação de dar sentido, de dar razão, de identificar uma lógica por vezes retrospectiva, por vezes prospectiva” (BOURDIEU, p. 184) e, por esse motivo, requer destaque aos seus múltiplos contextos de produção. Em seu romance autobiográfico, Isabel inicia o trabalho com uma carta a sua filha, Paula, que estava em coma, para quando a mesma regressar, caso tivesse perdido a memória, a recupere através dos escritos de sua mãe. Assim escreve:

Verto-me nestas páginas com uma intenção irracional de vencer o meu terror, penso que se dou forma a esta devastação conseguirei ajudar-te e ajudar-me, o meticuloso exercício da escrita pode ser a nossa salvação. Há onze anos escrevi uma carta ao meu avô para me despedir dele na sua morte, neste 8 de janeiro de 1992 escrevo-te, Paula, para te trazer de regresso à vida. (p.16).

Isabel Allende nasceu em Lima, no Peru, a mais velha de três irmãos, e mudou-se para o Chile aos três anos, estabelecendo-se com sua família na região de Valparaíso. Seu pai era Tomás Allende, o qual ocupava o cargo de secretário da embaixada do Chile em Lima, e sua mãe era Francisca Llonza Barros, conhecida como “Panchita”. Em suas próprias palavras, em *Paula*, Isabel descreve as origens familiares nos seguintes termos:

Nasci em agosto, signo de leão, de sexo feminino e se não me trocaram na clínica tenho sangue castelhano-basco, um quarto de francês e uma certa dose araucana ou mapuche, como toda gente da minha terra. Apesar de ter vindo ao mundo em Lima, sou chilena; venho de uma vasta pétala de mar e vinho e neve, tal como Pablo Neruda definiu meu país, e de lá és tu

também, Paula, embora tenhas a marca indelével do Caribe, onde crescestes. Custa-te um pouco entender a nossa mentalidade do sul. No Chile somos determinados pela presença eterna das montanhas, que nos separam do resto do continente, e pela sensação de precariedade, inevitável numa região de catástrofes geológicas e políticas. Tudo treme sob nossos pés, não conhecemos seguranças, se nos perguntam como estamos respondemos "sem novidade" ou "mais ou menos", movemo-nos de uma incerteza para outra, caminhamos cautelosos numa região de claros-escuros, nada é preciso, não gostamos de enfrentamento, preferimos negociar. (ALLENDE, 1999, p.23)

Ao lembrar sua trajetória, Isabel enfatiza os percalços vivenciados por sua mãe, caracterizada como solitária e abandonada num país desconhecido com três crianças. As lágrimas fáceis nunca impediram sua mãe de tomar decisões muito valentes, como, por exemplo, quando decide largar o marido, Tomás, e regressar a Santiago, no Chile, para voltar a morar com os pais, o que na época era considerado uma grande humilhação e sinal de fracasso na vida. O pai de Isabel, Tomás Allende, era primo de Salvador Allende, político chileno que, na década de 1930, fundou o Partido Socialista Chileno com outros militantes chilenos, e em 1970 foi eleito presidente. Quando Tomás Allende assina o documento de anulação do casamento, sob a condição de que nunca lhe peçam dinheiro para os filhos, se afasta completamente da vida de todos. Morre muitos anos depois sem saber que sua filha se tornou uma grande escritora.

Sua mãe casou-se novamente com um diplomata, o que fez com que a família viajasse bastante, e aos onze anos vai para a Bolívia, onde tem seu primeiro encontro com o nacionalismo hispanoamericano. Conforme lembra em *Paula*, em sua primeira aula de história, a professora falou das guerras do Chile contra o Peru e a Bolívia no século XIX. No Chile, ela aprendeu que os chilenos tinham ganho as batalhas graças à sua temerária valentia e ao patriotismo dos seus chefes, mas naquela aula revelaram-se as brutalidades cometidas pelos compatriotas contra a população civil. Os soldados chilenos, entorpecidos com uma mistura de aguardente e pólvora, entravam nas cidades ocupadas como hordas enlouquecidas. Com baioneta calada e facas de mato esventreavam crianças, mulheres e mutilavam os órgãos genitais dos homens. Isabel descreve La Paz:

Como uma cidade extraordinária, com cadeias de montanhas e de montes arroxeados, rochedos e pinceladas de terra em tons de açafrão, púrpura e vermelho, rodeiam o vale fundo onde se espria esta cidade de contrastes, ruas estreitas a subir e a descer como serpentinas, lojas miseráveis,

autocarros a cair aos bocados, índios vestidos de lãs multicores a mascar eternamente uma bola de folhas de coca com os dentes verdes. Centenas de igrejas com os seus campanários e adros onde se sentavam as índias a vender yucas secas e milho-rei junto a fetos dissecados de lhamas para fazer emplastos curativos, enquanto espantavam as moscas e davam de mamar aos filhos. O cheiro e as cores de La Paz fixaram-se na minha memória como uma parte do lento e doloroso despertar da adolescência.

(ALLENDE, 1994, p.78).

Além disso, posteriormente também passou três anos no Líbano, até 1958, quando sua família retornou ao Chile. Suas vivências nesse período contribuíram para sua imaginação criar personagens e incorporar o mundo da ficção. Nesse período, Isabel e sua mãe trocaram muitas cartas, as quais condicionaram seu trajeto nos caminhos da escrita. Após casar-se com o engenheiro Miguel Frías, em 1965, Allende deu início à carreira de jornalista, especialmente na revista "Paula", periódico quinzenal fundado em 1967 e editada por Delia Vergara. Originalmente atuando em colunas humorísticas, tais como "A través de los impertinentes" e "Civilice a su hombre", Allende passou a escrever, posteriormente, artigos com posicionamentos feministas, a exemplo de "Entrevista a una mujer infiel" (1967) e "El coraje de las madres solteras" (1970)".

De acordo com Camila A. González Valdés (2017), a revista "Paula" caracterizava-se por ser um periódico moderno e vanguardista, ao engajar-se com uma proposta inovadora nos contextos sociais chilenos: a defesa por uma maior inserção das mulheres no espaço público, sua autonomia financeira e a luta pelos direitos femininos. Desta forma, por meio das suas colunas, a revista estabelecia diálogos com a segunda onda do feminismo na década de 1960, e especialmente com o movimento feminista estadunidense, ao abordar temas como a sexualidade feminina, a infidelidade e os mundos do trabalho das mulheres. No caso chileno, muitos desses debates intensificaram-se na metade da década de 1960, especialmente a partir do "Programa de Regulación en la familia", idealizado em 1965 durante o governo do presidente Frei Montalva e que, pela primeira vez, defendia o uso de métodos anticonceptivos como a pílula. Articulando-se aos debates políticos e sociais do período, as páginas da revista "Paula" defendiam também relações mais igualitárias entre homens e mulheres, tanto no espaço público quanto no espaço privado: um exemplo disso pode ser observado no artigo escrito por Isabel Allende,

“El amor”, e publicado na revista em janeiro de 1971. No texto, que discute o modo como as mulheres vivenciam e compreendem o amor em uma sociedade socialista, Allende destaca o modo como as mulheres jovens cultivaram a noção de um amor mais livre, associado a valores como justiça, igualdade, confiança e responsabilidade (SIERRA, 2018).

Esse debate acerca do amor livre em um governo socialista também estava atrelado ao contexto político no Chile no início da década de 1970. Em Setembro de 1970, Salvador Allende foi eleito Presidente através de uma coligação de partidos marxistas, socialistas, comunistas, grupos de classe média desiludidos, cristãos radicais e milhares de homens e mulheres pobres agrupados em torno do emblema da Unidade Popular e decididos a embarcar num programa de transição para o socialismo, mas sem alterar a longa tradição burguesa e democrática do país. Apesar das contradições evidentes do projecto, uma vaga de esperança irracional mobilizou uma boa parte da sociedade que esperava ver emergir desse processo o homem novo, motivado por elevados ideais, mais generoso, compassivo e justo. Assim, observando retrospectivamente, Isabel Allende afirma que “desde o preciso momento em que se anunciou a vitória de Allende, os seus adversários começaram a sabotagem e a roda da fortuna virou numa direcção trágica.” (ALLENDE, 1994, p.213). Salvador Allende venceu as eleições em 1970, porém derrotado antes do final de seu mandato pelas forças do exército, que permaneceram no poder pelos próximos dezessete anos.

Em *Paula*, Isabel Allende descreve como o golpe militar no Chile foi se sucedendo e podemos observar a construção de sua memória em relação à percepção de si mesma e do lugar onde viveu grande parte de sua vida. De acordo com Isabel Allende, é preciso uma boa dose de valor e coragem para enfrentar o Chile dos anos sessenta. O ambiente moralista, a mentalidade rígida das normas sociais naqueles tempos eram exorbitantes, e comenta que para sua geração não é possível ignorar todos os acontecimentos políticos que ocorreram no continente no século XX, e que tudo isso circunda a sua literatura e dos que surgiram na mesma época. Assim, afirma que “antes la literatura de nuestro

continente era muy localista. El cosmopolitismo permite escribir sobre una aldea mítica, como Macondo, y tocar temas universales”. (ZAPATA, 1999, p.47). Isabel reflete sobre as injustiças sociais na América Latina, e comenta que somente um cretino deixaria de vê-la, e que seu processo para perceber e compreender essas questões sociais foram adquiridas mediante o uso da razão, já que não era um tema abordado em sua família:

En la casa de mi abuelo reinaba un clima conservador, no era gente politizada; para ellos las diferencias económicas y sociales eran naturales, parte del orden divino. Sin embargo, había un deseo de ayudar a los pobres, que mi abuela implantó por sentido de caridad cristiana, mas que de justicia social. Sin embargo, instintivamente supe siempre que la caridad es humillante para quien recibe; me rebele desde temprano contra el sistema de clases sociales, contra la forma en que trataban a las empleadas, contra esa división dentro de la casa entre los cuartos ocupados por la familia y, cruzando una frontera invisible, la región sombría de los patios, la cocina, las pizas de empleados, los lugares donde habitabamos nosotros, los niños. (ZAPATA, 1999, p.73)

O Chile era considerado como uma exceção na América Latina, pela precoce conquista da estabilidade política nos anos que se seguiram à emancipação da Espanha. Mesmo assim, como boa parte da América Latina, caiu em uma ditadura que durou anos, de controle militar, circunstância relacionada a diversos fatores no pós-Segunda Guerra Mundial. Na época da Guerra Fria, onde o mundo se dividiu entre capitalismo versus socialismo, no Chile surge um projeto de democracia cristã como uma terceira via ao capitalismo e ao comunismo, com tendência corporativa e harmoniosa. Com a Revolução Cubana, um fervor inflou-se por toda a América Latina, e no Chile não fora diferente. Em 11 de setembro de 1973, quando Isabel estava com 31 anos de idade, sua vida toma o rumo de uma direção imprevista. Com o golpe militar, Isabel tomou consciência do horror do autoritarismo, como perseguições, torturas, execuções, assassinatos, fome, dentre tantos outros fatores que transformaram a vida de diversas pessoas no país. Ela descreve a sensação de viver no Chile como se os demônios houvessem escapado dos espelhos e estavam andando soltos pelo mundo.

A Junta Militar acabou por decreto com greves e protestos, devolveu as terras aos antigos patrões e as minas aos norte-americanos, abriu o país aos negócios e ao capital estrangeiro, vendeu os milenares bosques nativos e a fauna marítima a companhias japonesas e estabeleceu o sistema de suculentas comissões e de corrupção como formas de Governo. Surgiu uma nova casta de jovens executivos educados nas doutrinas do capitalismo puro, que circulavam em motos cromadas e manejavam os destinos da pátria com impiedosa frieza. Em nome da eficiência económica, os generais

frigorificam a História, combateram a democracia como uma ideologia estrangeira e substituíram-na por uma doutrina de lei e ordem. O Chile não foi um caso isolado, em breve a longa noite do totalitarismo se iria estender por toda a América Latina. (ALLENDE, 1994, p. 262).

Mas uma mão-cheia de privilegiados conseguiu ignorá-lo esse fato durante anos e ainda o nega hoje em dia, negando assim os milhares de prisioneiros políticos desaparecidos, prisões e novos campos de concentração organizados. Com a ditadura chilena, Isabel Allende teve que deixar o Chile, pois fez parte de uma elite de esquerda chilena que pode exilar-se, e viveu treze anos na Venezuela, onde iniciou seu trabalho como escritora. Porém, um longo caminho ainda teria de ser percorrido até chegar a esse ponto, e a partir do momento em que atravessou a cordilheira que marca a fronteira do Chile, ela conta que tudo começou a correr mal e foi piorando nos anos seguintes, pois teve que lidar com muitos anos de imobilidade, não entre as paredes de uma cela, mas no isolamento do exílio, onde a frustração e o silêncio constituíram o seu cárcere.

O trabalho como jornalista, o teatro e a televisão mantiveram-me ocupada, não voltei a pensar em termos de destino até que o Golpe Militar me pôs brutalmente diante da realidade e me obrigou a mudar de rumo. Aqueles anos de auto-exílio na Venezuela poderiam resumir-se numa só palavra: mediocridade. Aos quarenta anos já era tarde para surpresas, o meu prazo de vida encurtava rapidamente, a única coisa certa era a má qualidade da minha vida e o tédio, mas a minha soberba impedia-me de o admitir. (ALLENDE, 1994, p.353).

Foi através de um intenso trabalho de escrita, que de início era uma carta para seu avô que estava para morrer no Chile, que Isabel pode retornar dessa paralisia, escrevendo seu primeiro romance, *A casa dos espíritos*.

Desde as primeiras linhas outras vontades se apossaram da carta conduzindo-me para longe da incerta história da família para explorar o mundo seguro da ficção. Nessa viagem, confundi os motivos e apagaram-se as fronteiras entre a verdade e a invenção, os personagens ganharam vida e chegaram mesmo a ficar mais exigentes do que os meus próprios filhos. (ALLENDE, p. 355).

Esse livro é inspirado na história de sua família, e, conseqüentemente, na história do Chile. O local de nascimento do romance é o indivíduo na sua solidão, que já não consegue exprimir-se exemplarmente, como exemplo de ensinamento sobre seus interesses fundamentais, pois ele mesmo está desorientado e não sabe mais aconselhar. Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Walter Benjamin sobre a produção

literária, considerando-se que “escrever um romance significa levar o incomensurável ao auge na representação da vida humana. Em meio à plenitude da vida e através da representação dessa plenitude, o romance dá notícia da profunda desorientação de quem vive” (BENJAMIM, 1969, p. 60).

A partir daí, sua vida toma outra direção, e os caminhos percorridos para retornar ao Chile são através do resgate da memória e da narrativa ficcional. Isabel, que andava há mais de vinte anos na ‘periferia’ da literatura, como jornalista, escrevendo contos, peças de teatro, argumentos para a televisão e centenas de cartas sem se atrever a confessar a sua verdadeira vocação, só depois de publicar três romances em várias línguas pode escrever “escritora” como profissão ao preencher um formulário. Desde seu primeiro livro, há uma forte temática social que reflete sobre a realidade Latinoamericana, no qual a autora reflete em entrevista no livro *Vida y spiritus*:

En 1981 me preguntabas por el tema social, que tanto se repite en mis libros. En 1981 la mayoría de los escritores latinoamericanos vivían en un forzado exilio, o se fueron de su país porque no pudieran vivir en las dictaduras que asolaban su patria. Hubo una década fatal en América Latina: la mitad de la población del continente vivía bajo una dictadura. La literatura de ese periodo está marcada por el exilio. Yo no era la única preocupada por los temas sociales o políticos. (ZAPATA, 1999, p.90).

Dentre os temas abordados por Isabel Allende em *Paula*, destacam-se os contextos familiares que condicionaram seus caminhos rumo à escrita literária. Assim, afirma que as suas inspirações para escrever iniciaram-se em seu próprio lar, especialmente na casa do avô. Contava histórias para seus irmãos, depois para seus filhos e agora para seus netos: três gerações da família se maravilharam com os contos de Isabel Allende. A partir das suas leituras, Isabel Allende se interessava pelos vilões, o que, eventualmente, desembocou em seu interesse pelos personagens marginais. Allende indicou, posteriormente, que “con una familia como la mia no se necesita imaginación para escribir novelas, basta como tomar notas”. (ZAPATA, 1999, p.11). Além disso, afirma que seu primeiro romance, *A Casa dos Espíritos*, publicado originalmente em 1982, tem sua avó Isabel Barros Moreira, como inspiração para a personagem Clara. A casa de sua infância serve de inspiração para o

romance, que depois apresenta-se com realismo no romance autobiográfico *Paula*.

A respeito do lugar ocupado pela escrita literária em sua trajetória, Allende afirma que a escrita não é um fim em si mesma, mas um meio de comunicar-se. Um livro antes de ser lido por alguém é apenas um maço de folhas conjuntas, quem lê traz vida aquele conjunto de palavras. Com sua escrita, Isabel Allende diz que não se atenta à tarefa de representar, ou transcender, dar uma mensagem, explicar algo dos mistérios do universo, ela escreve como se fosse uma conversa íntima, pois para ela a escrita é um trabalho lento, silencioso e solitário, que vai gerando mais perguntas do que respostas. Em *Paula*, compara o processo de criar um romance com a experiência da maternidade, e especificamente com o processo de gerar um filho, associando a escrita de romances à paciência na sua gestação, à força para trazê-lo à vida e ao sentimento de profundo espanto em que culmina: “os filhos, como os livros, são viagens ao interior de nós próprias, nas quais o corpo, a mente e a alma mudam de direção, regressam no próprio centro de existência”. (ALLENDE, 1992, p.299). Porém, a autora também problematiza essa relação na seguinte passagem:

Tantas vezes ouvi dizer que no Chile vivíamos num matriarcado, que quase acreditei; até o meu avô e o meu padasto, senhores autoritários de estilo feudal, o afirmavam sem pestanejar. Não sei quem inventou o mito do matriarcado nem como se perpetuou durante mais de cem anos; talvez um visitante de outras épocas, um daqueles geógrafos dinamarqueses ou comerciantes de Liverpool de passagem pelas nossas Costas se tenha apercebido de que as chilenas são mais fortes e organizadas do que a maioria dos homens, concluiu levemente que são elas que mandam, e de tanto repetir a falácia esta acabou por se converter num dogma. Elas só reinam às vezes entre as paredes das suas casas. Os varões controlam o poder político e económico, a cultura e os costumes, promulgam as leis e aplicam-nas a seu bel-prazer, e quando as pressões sociais e o aparelho legal não bastam para submeter as mulheres mais altaneiras, intervêm a religião com o seu inegável selo patriarcal. O que é imperdoável é que são as mães que se encarregam de perpetuar e fortalecer o sistema, criando filhos arrogantes e filhas submissas; se se pusessem de acordo para agir de outro modo poderiam acabar com o machismo numa geração. Durante séculos, a pobreza obrigou os homens estreito território nacional de uma ponta à outra a percorrer em busca de sustento, não é raro que aquele que no Inverno cava nas entranhas das minas do Norte, se encontre no Verão no vale central na colheita da fruta, ou no Sul a bordo de Um barco de pesca. Os homens passam e partem, mas as Mulheres não se deslocam, são árvores ancoradas em terra firme. Em torno delas giram os filhos próprios e outros de parentes, tomam conta dos velhos, dos doentes, dos desamparados, são o eixo da comunidade. Em todas as classes sociais, menos nas privilegiadas pelo dinheiro, a abnegação e o trabalho são considerados as máximas virtudes femininas; o espírito de sacrifício é uma questão de honra, quanto mais sofrem pela família, mais orgulhosas se sentem. Acostumam-se muito cedo a considerar o companheiro como um filho tontinho, ao qual perdoam graves defeitos, desde a embriaguez até à violência doméstica, porque é homem. (ALLENDE, p. 183, 184)

O romance de estreia de Isabel Allende foi *A Casa*

dos *Espíritos* (1982). Considerado como um dos marcos do realismo mágico na literatura latino-americana, *A Casa dos Espíritos* narra as vicissitudes de três gerações de uma família de classe média alta, os Trueba-Del Valle, ao longo do século XX. Ainda que sua ambientação não seja definida de forma explícita, o romance referencia diversas experiências vivenciadas na América Latina durante o século XX como, por exemplo, as ditaduras militares. De acordo com Andreia Opazo e Adriana Fiuza (2021), a narrativa de *A Casa dos Espíritos* possui diversas relações intertextuais com os processos históricos que levaram ao golpe de estado liderado pelo chefe das forças armadas, o general Augusto Pinochet, e que culminou na derrubada do governo e à morte de Salvador Allende em setembro de 1973. Essas relações ficam visíveis no capítulo intitulado “El terror”, no qual um personagem, identificado apenas como O Presidente, nega-se a renunciar ao seu mandato e dirige-se à rádio para fazer um apelo ao povo, elaborando um discurso semelhante àquele proferido pelo presidente Salvador Allende, ao denunciar o início do golpe em setembro de 1993 (OPAZO, FIUZA, 2021).

A biografia de Isabel Allende, chamada *Vida y espíritus* foi escrito em 1999, e seus capítulos são intercalados entre entrevistas e a narração de Célia Correas Zapata, acerca da vida da escritora. O prólogo é escrito pela própria Isabel, que comenta que o livro seria direcionado a interessados por literatura, pois se trata de uma biografia literária. A escritora questiona o que poderia agregar sem cair na ficção, levando em conta o processo de resignificação da memória pela ficção. Em suas narrativas, Isabel Allende afirma que sua escrita quase sempre tem origem em um acontecimento autobiográfico ou em uma ferida emocional profunda:

La escritura es para mi un intento desesperado de preservar la memoria. Soy una eterna vagabunda y por los caminos quedan los recuerdos como desgarrados trozos de mi vestido. Escribo para que no me derrote el olvido y para nutrir mis raíces, que ya no están plantadas en ningún lugar geográfico, sino en la memoria y en los libros que he escrito. (ZAPATA, 1999, p.15).

Após o divórcio com Miguel Frias, Isabel casou-se com Willie Gordon em 1988. Como Willie era americano, ela se muda para a Califórnia, e seu filho

Nicolás, juntamente da ex-esposa, constituem família nos Estados Unidos, onde vivem até hoje. Após *A Casa dos Espíritos* (1982), publicou *De Amor e de Sombra* (1984), que conta a história da ditadura chilena, *Eva Luna* (1987) é o primeiro livro em que se sentiu à vontade para dizer que era uma escritora, que este é o seu trabalho de fato, e conta a vida de uma contadora de histórias órfã, trazendo referências da segunda guerra mundial. *O Plano Infinito* (1991) é inspirado na história de Willie, e logo após escreveu *Paula* (1995), que não tinha a intenção de ser um livro publicado, mas uma narrativa para sua filha ler ao acordar do coma. Após uma longa pausa, publicou *Afrodite* (1998), um livro de receitas e contos eróticos muito divertido, escrito junto de sua mãe, sua editora e um amigo. *Filha da Fortuna* (1999) e *Retrato em Sépia* (2000) são livros que complementam *A Casa dos Espíritos*, e retratam a história do Chile colonial. *A Cidade das Feras* (2002) *O Reino do Dragão de Ouro* (2003) e *O Bosque dos Pigmeus* (2004) é uma trilogia que traz seres do folclore venezuelano, tendo em vista que Isabel viveu no país durante treze anos. *Zorro, Começa a Lenda* (2005), narra a história de Zorro, personagem criado em 1919 pelo escritor estadunidense Johnston McCulley. Depois, lançou *Inês da Minha Alma* (2006), *A Soma dos Dias*, que ela também escreve a sua filha Paula, (2007), e finalmente, *A Ilha Sob o Mar* (2009), objeto desta pesquisa. Logo após publicou *O Caderno de Maya* (2011), o primeiro da autora que teve contato, e conta sobre uma refugiada em uma ilha chilena. Depois publicou *O Jogo de Ripper* (2014), romance policial, e então, *O Amante Japonês* (2015), que conta a história de um casal de amantes na velhice. *Para Além do Inverno* (2017), *Longa Pétala do Mar* (2019), *As Mulheres de Minha Alma* (2020) e *Violeta* (2021) são seus últimos livros publicados, e em 6 de junho de 2023 estréia seu próximo livro, “*The wind knows my name*”.

Aos 80 anos, Isabel tem 26 livros publicados, traduzidos a mais de 42 idiomas, e mais de 77 milhões de livros vendidos, e ganhou diversos prêmios em muitos países. *A Casa dos Espíritos* e *De Amor e de Sombra* se tornaram produções cinematográficas, além de outras obras que foram adaptadas a ópera, o rádio, teatro e musicais. Criou a “Fundacion Isabel Allende”

em 1996, em homenagem a sua filha Paula, que mantinha diversos trabalhos voluntários. A fundação empodera mulheres e meninas internacionalmente. Por mais de 25 anos Isabel deu palestras, conferências e seminários sobre direitos da mulher, sobre a política latino-americana, escritas, processos criativos e sobre espiritualidade.

No site da fundação, Isabel apresenta, por meio de tópicos, pontos importantes sobre si mesma que não se encontram em publicações e conquistas. Esses pontos nos fazem compreender muito sobre sua escrita:

Es importante ser amable y honesta, y cuidar a otros y a mí misma.  
Las mujeres tenemos la sabiduría y la fortaleza para ser líderes de nuestras familias y comunidades. Si el mundo va a sanar, serán las mujeres las que harán que suceda y no podemos dejarlas solas.  
Mi fuerza proviene de la educación que he recibido y el hecho de que tuve control de mi fertilidad e independencia económica. Las jóvenes que no poseen educación ni oficio, que carecen de control sobre sus propios cuerpos y su fertilidad, y que no pueden mantenerse solas, corren peligro de convertirse en indigentes y en víctimas de violencia y abuso. Cada una de nosotras debe estar siempre lista para apoyar a estas jóvenes y ayudarlas a sujetar firmemente las riendas de sus vidas. Aunque se tropiecen y se caigan cientos de veces, con nuestra ayuda pueden lograrlo.  
En cada ser humano hay un corazón digno y valiente. (ALLENDE, 2023).

## **2.3 História, literatura e o realismo mágico na América Latina**

O realismo mágico pode ser entendido como um gênero próprio da literatura de vanguarda latino-americana desde meados do século XX. A partir dos anos 1930, houve um novo momento das literaturas latino-americanas, o chamado 'boom', em que os olhos do mundo se voltaram para a produção literária do continente americano. Nesse movimento, diversos escritores buscaram compreender as modernidades latino-americanas, sem ignorar todas as suas dificuldades e quase que infinitas contradições, e, nesse mesmo sentido, entender a escrita da nossa história, tratar da herança colonial e da violência da realidade histórica do continente por meio de interpretações literárias sobre experiências históricas e políticas da América Latina.

Como gênero, a literatura fantástica surgiu no século XIX na produção literária de língua inglesa. O realismo mágico teve como objetivo desprender-se do fantástico europeu, trazendo consigo uma conotação política e histórica, para enfim rerepresentar a

historicidade latino-americana pelas sendas da literatura. De acordo com Francine Iegelski, “a chave de interpretação do realismo mágico não deveria se concentrar na investigação sobre o modo como os escritores criaram mundos imaginários, mas sim sobre a maneira pela qual eles assumiram uma atitude diante da realidade”. (IEGELSKI, 2021, p.4)

O encontro do Ocidente com o Oriente, tapetes voadores, gênios da lâmpada, vampiros, fadas, lobisomens, o livro das mil e uma noites, os relatos de viagens fantásticas por mundos inimagináveis, as lendas arturianas são exemplos que constituem o fantástico europeu do século XIX, em que o efeito pode ser o assombro na experiência particular do leitor, e essa experiência deve ser o medo, a hesitação e a perplexidade, dentro da intensidade emocional que ele provoca. O interesse por cenários exóticos na literatura europeia do século XIX também não estava apartado de movimentos políticos da época como, por exemplo, o colonialismo e o Orientalismo, que influenciaram os imaginários europeus acerca de outros territórios - e da possibilidade de conquista e invasão desses territórios distantes (SAID, 2007).

O fantástico se caracteriza pela intromissão brutal do misterioso no quadro da vida real. De acordo com Tzvetan Todorov, o fantástico divide-se em fantástico-estranho e fantástico-maravilhoso: no caso do primeiro, a trama se desenrola a partir de acontecimentos que parecem sobrenaturais ao longo de toda a história, no fim, recebem explicação racional; no caso do fantástico maravilhoso, é preciso que se instale a hesitação pelo menos a respeito de qual solução final escolher, quando o fantástico reivindica seus direitos sobre o texto: “estamos no fantástico-maravilhoso, ou em outros termos, na classe das narrativas que se apresentam como fantástica e que terminam por uma aceitação do sobrenatural” (TODOROV, 1975 apud MAIA, 2016, p.376,). Essa é a diferença entre o realismo mágico-fantástico-maravilhoso latino americano e a literatura fantástica simplesmente, em que são inventados mundos com criaturas sobrenaturais que causam assombro no leitor.

Conforme aponta a historiografia e a crítica literária, os antecedentes do realismo mágico na literatura latino-americana podem ser localizados a partir da década de

1930, momento em que escritores de diferentes países passaram a tratar da “herança colonial e a violência da realidade histórica e social do continente” (IEGELSKI, 2021, p.2) discutindo temáticas como as independências, revoluções e golpes de Estado, disputas religiosas e conflitos por terra. Assim, todas as criações ficcionais que o realismo mágico abrange podem ser consideradas tanto como entretenimento quanto poderosa fonte de informação, pois além de narrativas ficcionais também são historiográficas, levando em conta a denúncia realizada à censura pelos regimes ditatoriais que atravessaram a América Latina no século XX. Tais obras atuam como uma preservação da memória ou suprimento, por uma narrativa irreal, de uma série de explicações do inexplicável e, ainda, como forma de resistir a contextos autoritários. Desse modo, “a implantação das ditaduras e seus dispositivos de terror teve como resistência a literatura realista mágica, em que o objetivo seria elaborar uma versão de um presente/passado traumático pelo desejo profundo de falar de liberdade sob uma ditadura”. (MAIA, 2016, p. 377)

O realismo mágico pretende modificar a visão do que foi imposto como verdadeiro, para repensar o continente. Os escritores magicorrealistas do século XX na América Latina buscaram compreender o real, a singularidade da experiência histórica latinoamericana e o peso da herança colonial, repensando o significado do que é real para escreverem as suas ficções. Foi um desafio solitário, já que foi uma época em que parte do continente estava imerso em ditaduras, e muitos, inclusive Isabel Allende, foram exilados para preservarem as próprias vidas. Seu primeiro e segundo romance, *A casa dos espíritos* e *De amor e de sombra*, tem como tema central a ditadura chilena, como resposta à censura desses regimes, e que até hoje pode nos auxiliar a compreender a realidade histórica daquela época, ou seja, “busca aproximar os leitores dos traumas vivenciados em um momento de caos, no qual se busca compreender a relação da escrita com um passado traumático”. (SOARES, 2022, p.5).

São histórias que não seguem as expectativas do olhar colonizador, em uma realidade intensa e trágica. Tratam-se também de memórias coletivas, ressignificadas a partir da literatura, que envolvem uma

aproximação entre passados e presentes latino-americanos, em especial as lutas coletivas em situações de violências e hierarquizações de poder. De acordo com Francine Iegelski (2021), um dos primeiros romances de realismo mágico publicados na América Latina foi *El Reino de este mundo* (1949), do escritor cubano Alejo Carpentier, o qual também pode ser considerada uma fonte de conhecimento sobre a revolução haitiana ao tratar sobre acontecimentos extraordinários que, entre 1750 e 1830, “precederam e seguiram à revolução haitiana” (IEGELSKI, 2021, p. 3). No mesmo ano, o literato guatemalteco Miguel Ángel Asturias publicou *Hombres de maíz*, no qual tratou sobre as sociedades e culturas guatemaltecas e o cultivo do milho, para tratar, a partir das memórias de populações pré-hispânicas, as lutas de povos indígenas contra invasores estrangeiros que, ao longo do tempo, buscaram explorar e comercializar o milho.

Em 1955, o mexicano Juan Rulfo publicou *Pedro Páramo*, no qual narra a trágica história de camponeses mortos na cidade de Comala, metaforizando o México de meados do século XIX e a revolta cristera na virada do século XX, uma guerra na qual camponeses mexicanos e organizações católicas lutaram contra as posições anticlericais do Estado mexicano (SILVA, 2008). Ainda de acordo com Iegelski (2021), um outro fator relevante para se pensar a literatura latino-americana entre as décadas de 1950 e 1960 diz respeito à recepção desses escritores diante de romancistas estadunidenses - em especial de autores como William Faulkner e Ernest Hemingway - e as tentativas de buscar uma expressão genuinamente latino-americana por meio da literatura. Além disso, muitos escritores e ensaístas ligados ao realismo mágico latino-americano consideravam que era necessário afastar-se do fantástico europeu, para, assim, compreender e mergulhar no maravilhoso americano para formar uma visão da própria América Latina.

Além dos romances supramencionados, um dos textos fundacionais do realismo mágico na América Latina foi o ensaio “Magical realism in Spanish American fiction”, do crítico literário Ángel Flores, e publicado em 1955 (IEGELSKI, 2021). Demarcando o realismo mágico como uma nova estética e genuína expressão

latino-americana, Flores afirmava que algumas das suas características seriam: “1) a descrição da vida cotidiana agregando acontecimentos fantásticos e irrealis; 2) o uso de imagens sintéticas no lugar de descrições verborrágicas, de modo a criar uma precisão lógica [...]; 3) a tendência do desaparecimento da cronologia como ordenadora lógica dos acontecimentos da vida” (IEGELSKI, 2021, p. 4). Para Flores, um dos principais precursores do realismo mágico latino-americano teria sido o escritor e ensaísta argentino Jorge Luis Borges, que, desde meados da década de 1930, tratava, ainda que pontualmente em seus ensaios, sobre as relações entre literatura e magia, indicando que os escritores conseguiriam apreender a realidade de forma mais complexa se utilizassem de narrativas não-naturalistas, embebidas em elementos mágicos.

Outro texto importante na história do realismo mágico latino-americano foi *Cem anos de solidão* (1967), do escritor colombiano Gabriel García Marquez, que narra uma história longa e violenta do continente, mobilizando também registros das lutas de independência no século XIX e dos golpes de Estado do século XX. Entre as décadas de 1960 e 1970, com a instalação de diversos governos autoritários e ditaduras na América Latina, o realismo mágico “surge como uma forma de reação, utilizando o elemento mágico como reforço das palavras contrárias aos regimes dos ditadores, tentando driblar a censura comum a esses regimes. Foi uma maneira de reagir por meio da palavra” (MAIA, 2016, p. 377). Assim como o Massacre da companhia bananeira narrado em *Cem anos de solidão* de Garcia Marquez, que retrata o assassinato de grevistas colombianos em 1928, em *De amor e de sombra*, Isabel Allende conta sobre um assassinato durante a ditadura chilena em que a autora guardou recortes de jornal durante anos sobre o caso, e que transformou em uma ficção em um momento oportuno.

Assim, pode-se perceber que a literatura atua como uma memória do passado, ao mesmo tempo em que é uma composição intelectual de tempos heterogêneos, conformando uma configuração complexa temporalmente. Essa memória, muitas vezes, passa a ser coletiva, pois, como fez Alejo Carpentier com o Haiti, Jorge Luis Borges com a Argentina, ou Isabel Allende com o Chile, o escritor tece estratégias de

territorialização e identificação em torno de um lugar que costumam repercutir em interpretações futuras sobre aquele lugar e ele próprio. Por isso, “as obras de ficção tem a surpreendente característica de resignificar, atualizar, romper e ultrapassar o seu próprio tempo.” (IEGELSKI,2021, p.22)

O realismo mágico, portanto, configura-se como uma atitude perante a realidade, uma expressão que reflete sobre quem vive na América Latina e suas características culturais. Não se trata de trazer narrativas que são compostas por mundos imaginários e seres místicos e/ou sobrenaturais, apesar de que há sim tais seres – como Melquíades em *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Marquez ou Clara, a clarividente em *A casa dos espíritos* de Isabel Allende – diferente do fantástico, no realismo mágico, esses componentes da trama não geram grandes tensões aparentes, e por que há de se espantar? É como se o realismo mágico dissesse: são tantos absurdos que nos foram soterrados no processo colonizatório, que nada pode surpreender-nos mais que nossa própria realidade, eis a complexidade de compreensão do realismo mágico, que tece uma relação misteriosa entre o ser humano e sua circunstância.

Dessa forma, para captar esse mistério, é preciso tê-lo vivido, e essa dimensão de intimidade com a realidade é tão intensa e exotérica que pode até ser considerada "mágica", no sentido de complexidade. Alguns autores preferem utilizar o termo "maravilhoso", em que maravilhoso significa olhar com intensidade. Na década de 60 do século XX, muitos desses olhares estavam voltados para a América Latina, impressionados com a literatura que daqui surgiu, pois todas as imposições coloniais fizessem com que nós nos sentíssemos estrangeiros em nossas próprias terras. De acordo com Chiampi:

criando assim uma dependência do estereótipo colonial que erigiu e manteve a nossa sujeição, impondo uma estrutura maniqueísta, de oposições raciais, culturais e religiosas absolutas. Por outro lado, o desejo de capturar as essências mágicas da América conleva uma função desalienante diante da supremacia europeia, quando exalta a americanidade como valor antitético desta e se oferece como possibilidade de superação dialética dos enfoques redutores das culturas aos seus traços acidentais. (CHIAMPI, 1980, p.39)

O “boom” da literatura latinoamericana no século XX foi um movimento de autores masculinos, as mulheres

não tiveram espaço na corrente literária. Dessa forma, com certa frequência, ocorre uma secundarização das personagens mulheres nos romances. Sendo o patriarcado um dos braços que sustentam o sistema capitalista vigente, a escrita de autoria feminina se torna essencial para o processo de liberdade e expressão das mulheres, pois aprendemos sobre a realidade e modo de vida das pessoas em determinada época através das produções artísticas realizadas. “O ato de escrever dessas mulheres é uma forma de mostrar as suas vivências, trazendo a memória e a consciência coletiva e individual da mulher, que traz diferentes gêneros literários em suas obras misturando a realidade com ficção em mitos, fantasias, poemas e ensaios.” (CORBATTA, 2002, p. 27). Ao sair da escrita falocêntrica, saímos também da escrita colonial e patriarcal, e muitas vezes tal fato pode até ser mágico, pois para driblar as imposições coloniais patriarcais, um trabalho muito extenso e dedicado é preciso ser feito. Não é atoa que Isabel Allende é um dos poucos nomes femininos conhecido dentro do realismo mágico, com certeza existem outras mulheres das quais suas escritas contribuíram para a criação dessa vertente literária que conta sobre a realidade cultural da América Latina, e pesquisas futuras podem contribuir com o resgate e valorização da escrita de autoria feminina no campo do realismo mágico.

□

### **3 A REVOLUÇÃO HAITIANA ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA**

#### **3.1 Revolução haitiana: breve contextualização**

A república do Haiti, considerada como a primeira nação a conquistar sua independência na América Latina e no Caribe, ocupa uma região de aproximadamente 27 mil km<sup>2</sup> na parte ocidental da ilha Hispaniola, no arquipélago das Grandes Antilhas. Segunda maior ilha em extensão no mar do Caribe, antes da invasão europeia era habitada por populações indígenas da tradição Arawak ou Arahucos. A partir do século XV, com a invasão espanhola, iniciou-se um rápido processo de extermínio dos indígenas Arawak, que foram alvo do trabalho forçado, da fome, guerras e doenças provocadas pelo contato com os colonizadores

européus. O nome dado pelos invasores foi Ilha Hispaniola (pequena Espanha), que hoje consiste no território da República Dominicana e do Haiti. Entre os séculos XVI e XVII, a ilha Hispaniola foi objeto de disputas entre diversas potências mercantilistas ávidas por possessões na América, situação que colocou França e Espanha em permanente enfrentamento. Esse conflito pelo território foi encerrado com a assinatura de um tratado ratificado na cidade holandesa de Ryswick, em 1697. A partir de então, a ilha de Hispaniola foi dividida entre as duas metrópoles, passando a porção oeste para o domínio da França – o São Domingos, que se tornaria, em pouco tempo, a colônia mais rica do império colonial francês, produtora de açúcar, café, tabaco, algodão, anil e cacau. (CORREA, 2022, p.228)



*Haiti mapa político. Fonte: <http://www.guiageo-americas.com/haiti/haiti-politico.htm>*

A história do Haiti possui uma relação direta com os mundos das diásporas africanas, especialmente como resultado do sistema colonial e do tráfico de escravizados. Convém mencionar que, no imaginário coletivo, a África tem sido frequentemente retratada como um continente cheio de clichês, o que remonta em uma marginalização da contribuição africana para a história da humanidade em geral, e implicando na inferioridade africana, ou seja, na ideia de que África não pode produzir conhecimento ou história por si só, inferioridade que é fortificada pela estrutura da colonização, dominação física, humana e espiritual. A construção desses estereótipos sobre o continente africano ocorreu em longa duração, e alguns rastros desse processo podem ser vistos nas bulas papais que, entre os séculos XV e XVI, deram direito aos reis de Portugal de despojar e escravizar eternamente aos

“infiéis” e “inimigos de Cristo”, o que justificava a invasão e escravização de africanos. Assim, essa ideia de África como um pedaço de carne a ser cortada criou-se e sustentou-se durante muito tempo, dando aos negros da África um conjunto de imagens particularmente degradantes e designando-lhes o lugar mais baixa na escala humana, preparando os espíritos para o gigantesco tráfico transatlântico dos quatro séculos seguintes.

Além de afirmar que os africanos escravizavam a si mesmos como justificativa para a escravidão, outra justificativa da escravidão negra pelo pensamento teológico tardo-medieval ocorreu através da “maldição” dos descendentes de Cam, que deu origem à chamada “teoria camita”. Conforme essa “teoria”, os descendentes de Cam, o filho de Noé, deveriam servir aos seus irmãos após flagrar seu pai bêbado; além disso, somava-se, nos discursos teológicos medievais, a ideia da “maldição de Caim”, que, após matar seu irmão Abel, teria sido marcado na pele e amaldiçoado. No pensamento tardo-medieval, essas noções reforçavam a ideia de que a África seria um continente amaldiçoado, e que seus habitantes poderiam ser alvo de escravização dos europeus. Nas sociedades africanas pré-coloniais, a condição de escravidão não era uma perpetua, já que os escravizados, em pequenas quantidades, eram indivíduos derrotados em conflitos, e não eram vistos como uma mercadoria, eventualmente sendo incorporados à comunidade ou à linhagem, de modo que seus descendentes tornavam-se livres. Além disso, não havia senso de identificação, muito menos um senso de identidade africana, então “africanos” não escravizavam “africanos”: eram diversas formas de identificação e auto-identificação em coexistência, como os Axanti, o reino do Congo, o reino do Mutapa, dentre outros. Por extensão, convém também demarcar os sistemas de escravidão islâmica, implementadas no norte e nordeste da África como consequência da expansão árabe a partir do século VII e VIII. O alvo privilegiado dessa forma de escravidão eram as sociedades que não haviam se islamizado ao longo desse processo, e os escravizados, além de serem utilizados nas rotas de comércio transaariano, eram transportados para diversos pontos do mundo árabe.

A expansão ultramarina europeia e as invasões coloniais no final do século XV resultaram na implementação de um sistema de escravidão mercantil, cujos efeitos podem ser vistos na escravização em massa de africanos, traficados em pontos do litoral africano, a exemplo da fortaleza de São Jorge da Mina (atual Gana) ou na fortaleza de Nossa Senhora de Luanda (atual Angola). Como ocorreu a passagem do raptos a um comércio relativamente regular de pessoas escravizadas? Mais do que a transferência geográfica, o que importava era a transferência sociológica, da nobreza da terra e guerreira para a burguesia mercantil. As sociedades com escravos vão se transformar em sociedades escravocratas quando os europeus começam a circular pelo norte da África, especificamente os europeus da península ibérica, que abriram vias de trocas diretas com a África atlântica a partir do século XV. Essas trocas acabaram por concentrar os escravizados como mercadoria privilegiada, em uma amplitude sem precedentes.

Os europeus instauraram correntes de trocas em seu proveito, até fazer dos escravos negros um produto de troca privilegiado, se aproveitando da estabilidade africana a favor do caos europeu decorrente das guerras e invasões mulçumanas/árabes. Em um duplo sistema escravagista, de plantações e trabalho doméstico, o sistema foi se consolidando de uma maneira que, por mais cruel que fosse o tráfico, a propaganda da época vendia a ideia de que os escravos africanos eram mais felizes na América do que na própria civilização africana. O comércio de escravos e a escravidão estavam firmemente entrelaçados à economia do século XVIII. No caso do Haiti, conforme C. L. R. James, haviam três forças em jogo nesse contexto: os proprietários de São Domingos, a burguesia francesa e a burguesia inglesa prosperaram sobre a devastação de um continente e a brutal exploração de milhões de seus habitantes. “Enquanto essas forças se mantivessem em equilíbrio, o tráfico demoníaco prosseguiria, e ainda teria continuado até os dias de hoje”. (JAMES, 2009, p.39).

De todas as colônias francesas, o Haiti (São Domingos) foi considerada a mais próspera, e sua população era em sua maioria composta de africanos e afrodescendentes na condição de escravizados ou

libertos; estima-se que, entre 1697 e 1804, ou seja, durante o período de domínio colonial francês, mais de 800 mil homens e mulheres escravizadas foram transportados do continente africano, sobretudo da África Ocidental, para trabalhar nas plantações de São Domingos. Em São Domingos do período colonial, as relações sociais se organizavam a partir de dois extremos: os brancos escravistas e os negros escravizados. No meio disso, estavam os “homens livres de cor” (*gens de couleur*), resultado da união de proprietários brancos e mulheres negras. Por volta de 1790, a população total da colônia era “estimada em 520 mil habitantes, sendo composta por pelo menos 420 mil escravizados africanos” (NORONHA, 2017, p. 14), os quais eram submetidos a condições brutais nas plantações de açúcar e café; em decorrência da alta taxa de mortalidade, a população de escravizados era praticamente renovada a cada ciclo de vinte a vinte e cinco anos.

Portanto, a sociedade de São Domingos, nas vésperas da independência, era altamente estratificada. Entre a população branca, estavam, de um lado, os grandes proprietários de terras e membros da elite, designados, no período, de *grands blancs*, e, de outro lado, os comerciantes, artesãos e funcionários de baixo escalão, categorizados como *petit blancs*, que buscavam ascender socialmente. No contexto, diversos homens negros livres, filhos de senhores brancos, passaram a ser educados em francês, e tomaram um contato mais direto com os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade da revolução francesa.

Nesse ponto, é fundamental destacar que, na segunda metade do século XVIII, diversos intelectuais iluministas engajaram-se de forma mais direta com o fim da escravidão. Um exemplo disso foi o filósofo e político francês Nicolas Condorcet, que publicou uma obra intitulada *Réflexions sur l'esclavage des nègres* em 1781, onde defendeu diversas estratégias com o objetivo de limitar o trabalho e o tráfico negreiro, qualificando-o como crime. Outra figura envolvida na luta contra a escravidão no contexto intelectual iluminista e revolucionário francês foi abade Antoine Cournand, membro do Clube dos Jacobinos na França, e autor de uma obra dedicada à defesa das “pessoas de cor, ou mestiços de São Domingos e outras ilhas

francesas da América” (LOGIS, 2020, p. 61-62). Por fim, no que se refere ao contexto da revolução haitiana, e sobretudo na trajetória de uma das suas principais lideranças, Toussaint Louverture, diversos historiadores tem apontado a influência do pensamento do abade Guillaume Raynal que, em sua obra *L'Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes* (1770), denunciou os males da escravidão, classificando-a como um sistema ilegítimo e injusto. Contudo, apesar das influências do pensamento iluminista e revolucionário francês, “a liberdade adquirida em São Domingos não deve ser compreendida e nem sequer analisada pelo ponto de vista da metrópole, enquanto ignora a importância da luta política iniciada pelo escravizado Boukman, encarregado por Louverture e concluída por Dessalines”. (LOGIS, 2020, p. 71).

A revolução haitiana, também conhecida como Revolução de São Domingos, assim chamado o lado leste da ilha, teve início em meados de 1791, a partir de uma insurgência de escravizados, e culminou na independência do Haiti em 1804. Foi a única revolução conduzida por escravos bem-sucedida na história caribenha, que destruiu o sistema escravista de plantação e transformou o Haiti no primeiro país negro fora da África. “Os seus impactos foram múltiplos: influenciou sobre os preços do açúcar e gerou um grande medo de que uma insurreição daquela escala acontecesse em outros lugares da América escravista”. (NASCIMENTO, 2008, p.126). Essa revolução começou em um contexto marcado pela Revolução Francesa, já que, por conta dos acontecimentos na metrópole, a ilha teve mais autonomia e representatividade no parlamento, o que levou a um embate maior entre brancos e mulatos e a diversos levantes dos escravos a partir de 1791. Um fator importante para a revolução foi a união dos homens livres de cor aos escravizados, que se deu pela não aceitação do discurso de superioridade racial, que era utilizado para justificar a escravização.

Um dos primeiros episódios registrados nas semanas iniciais da revolução foi promovido por lideranças religiosas, em especial o *hougan* Dutty Boukman e a *manbo* Cecile Fatima na região norte da colônia, os quais juraram combater o inimigo: o sistema escravista. Naquele contexto, em agosto de 1791,

Boukman e Cecile Fatima deram o sinal para o início da revolta em uma cerimônia de vodu em Bois Caiman; rapidamente, milhares de escravizados em São Domingos revoltaram-se contra seus antigos senhores. Outra liderança importante nos antecedentes da revolução foi Vincent Ogé Jeune, um homem de cor livre, e que exigia direitos políticos para a população de cor na colônia. Membro de uma pequena elite de homens livres de cor, Ogé era um comerciante de café na região de Cap-Français. Viajou para a França no final da década de 1780 e, no contexto da Revolução Francesa, integrou um grupo que defendia o fim da discriminação contra homens livres de cor e demandava maior representatividade política na assembleia nacional francesa, além de participar de associações abolicionistas. Posteriormente, após retornar ao Haiti em 1790, integrou um movimento revoltoso com o objetivo de derrubar o governo colonial, sendo preso e condenado à execução pelas autoridades coloniais.

Mais tarde, outras figuras de liderança despontaram no processo revolucionário, em especial Toussaint Louverture e Jean Jacques Dessaline. Louverture nasceu em São Domingos em 1743, na condição de escravizado, e, de acordo com a tradição oral, seu pai foi um antigo chefe na África Ocidental. Toussaint aprendeu a ler com um negro chamado Pierre Baptiste, seu padrinho; além disso, também foi educado por missionários jesuítas e capuchinhos, por meio do seu contato com a cultura religiosa católica. Na interpretação de C. L. R. James, a formação de Louverture sintetizava elementos da educação cristã e de conhecimentos ancestrais:

Os elementos de uma educação, seu conhecimento sobre ervas e sua inteligência fizeram com que ele se destacasse e se tornasse cocheiro de seu senhor. Isso proporcionou-lhe meios adicionais de conforto e para poder educar-se a si mesmo. Por fim foi designado administrador de todos os bens vivos da fazenda, o que era um cargo de responsabilidade, normalmente ocupado por um branco. (JAMES, 2000, p.34).

Tudo indica que, na década de 1770, Louverture havia conquistado sua liberdade, incorporando-se à comunidade dos “homens livres de cor” em São Domingos, em uma sociedade no qual a mobilidade social era fortemente atravancada pelo racismo. Ao lado de outras lideranças, como Dutty François Boukman, Jean-François Papillon e Jeannot Bullet, Toussaint

envolveu-se com as insurgências de escravizados e libertos em agosto de 1791, gradativamente engajando-se com posicionamentos abolicionistas. Posteriormente combateu a presença espanhola na ilha, e estabeleceu acordos com o Reino Unido e os Estados Unidos, em um momento de crescentes tensões com a França.

O projeto de Toussaint para a criação do Estado Maior previa manter o status da França como metrópole. Queria um estado soberano e livre, que mantivesse um vínculo com a França, porém, a mesma não apoiou o projeto, sendo assim, Toussaint articulou alianças com Espanha e Inglaterra. Embora seu plano fosse manter a soberania francesa, onde todos os habitantes seriam franceses e gozavam da igualdade de direitos, assim como do catolicismo, ele estava anunciando a independência da colônia, sem necessariamente utilizar essa palavra. A resposta da França foi enviar um exército para restabelecer a ordem e a escravidão na colônia, do qual Toussaint foi preso e enviado ao forte Joux, no norte da França, onde morreu isolado em 1803. As tropas então foram assumidas por Jean Jacques Dessalines, que ao contrário de Toussaint, que promovia uma francofilia, Dessalines investiu fortemente contra as tropas francesas, sendo vitorioso e declamando a independência da colônia em 28 de setembro de 1803, logo após declarando-se imperador Jacques I.

É importante destacar que, mesmo antes da revolução haitiana, que desmobilizou o sistema escravista e colonial no Haiti, já havia um longo histórico de revoltas coloniais e movimentos promovidos por mulheres e homens escravizados com o objetivo de criar possibilidades de liberdade. Em primeiro lugar, pode-se mencionar o longo histórico de *marronage*, isto é, fugas individuais e coletivas de escravizados e a organização de comunidades resistentes nas margens da sociedade colonial localizadas principalmente em regiões montanhosas, e que ocorreram durante todo o período colonial, e mesmo em contextos pós-independência, como estratégia de sobrevivência comunitária. Ao lado da *marronage*, outra forma de resistência à escravidão e ao sistema colonial era o vodu (ou vodun) haitiano, uma forma de religiosidade de matriz africana, o qual, de acordo com Carolyn Fick (2017), se configurava como uma força cultural e

potencialmente política, por suas práticas serem proibidas em São Domingos durante o período colonial. Dessa forma, para praticarem o vodu, os negros deslocavam-se para as montanhas, onde, além de praticar suas línguas e religiosidades, constituíam espaços de articulação e consiração contra os senhores. Portanto, “enquanto religiosidade popular, o vodu possibilitava formas de resistência por meio de encontros secretos, geralmente à noite, e que também integravam escravizados de diferentes origens, fortalecendo a solidariedade”. (LOGIS, 2020, p. 31).

Além disso, convém citar o movimento revoltoso organizado por François Mackandal em 1758. Na metade do século XVIII, Mackandal, que era um sacerdote de vodu haitiano oriundo da África Ocidental, possivelmente do atual Senegal, organizou uma rede secreta de escravizados que conectavam indivíduos nas comunidades *marronage* e aqueles ainda nas senzalas, com o objetivo de promover ataques noturnos às propriedades e latifúndios pertencentes à elite colonial. Posteriormente, Mackandal teria mobilizado uma conspiração para envenenar os franceses na colônia e estabelecer um governo negro independente; em consequência disso, foi capturado pelas autoridades coloniais e executado publicamente em Port-au-Prince em 1758 (FICK, 1990). Segundo Berno Logis, “as estratégias aplicadas por Mackandal criaram na massa servil o sentimento de liberdade que sempre sonhavam. Quer dizer, o movimento político denominado *marronage*, implementou as bases da Revolução de 1791, desafiando o colonialismo, e todo o sistema escravista” (LOGIS, 2020, p. 30).

Em 1789, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que marcou o fim do antigo regime da França, tinha como intenção instaurar a universalização da igualdade de direitos. O documento, considerado um marco do processo revolucionário na França, estava amparado em diversos valores iluministas, em especial a liberdade individual e a igualdade entre os homens, considerados como direitos naturais. Porém, esses direitos naturais, tais como soberania popular, universalidade da cidadania e igualdade própria dos seres humanos eram conceitos muito mais associados à noção de cidadão branco, letrado e europeu, o que nos leva a questionar sobre as contradições filosóficas do

iluminismo – a quem alcançavam esses direitos? Ou seja, liberdade e cidadania tinham limitações.

Para os negros nas colônias, o documento que foi redigido para legitimar a escravidão foi o Código Negro (*Code Noir*). O Código Negro foi escrito em 1685, e implicou em um conjunto de textos legais que regulamentavam a vida dos escravizados nas colônias francesas, e era composto por seiscentos artigos que normalizavam o status penal e civil. Esse código garantia os direitos para proprietários brancos europeus e “os homens livres de cor”, além de criar uma limitação de poder desses proprietários, mas ao mesmo tempo seguia legitimando o trabalho escravo. Enquanto a filosofia política da revolução francesa ligava axiomáticamente liberdade e os direitos de propriedade, para os escravos de Santo Domingo a liberdade implicava a destruição dos direitos à propriedade, já que os escravos eram considerados como propriedade dos seus senhores, e com isso, iniciou-se um processo de auto emancipação, em que emancipação e cidadania foram estabelecidos de cima para baixo.

A revolução haitiana foi um exemplo de revolução anticolonialista, e por consequência contribuiu para a emancipação das colônias espanholas, “pois mostrou às classes de senhores brancos da América que guerras civis internas ou mesmo guerras de independência contra o poder metropolitano levariam à destruição dos regimes coloniais que elas tanto buscavam proteger.” (NASCIMENTO, p.127). O Haiti conquistou a independência de fato em 1804, quando Jean-Jacques Dessalines declara a independência da ilha, adotando o nome de indígena de Haiti e instaurando uma monarquia, proclamando-se Imperador Jacques I. Com a independência, ocorreu uma marginalização da independência e isolamento internacional do país, já que as potências em vigência não a reconheceram.

### **3.2 A revolução haitiana na literatura e na história**

Desde o século XIX, a revolução haitiana foi tematizada pela historiografia antilhana. Diversos intelectuais haitianos, engajados com a escrita da história de sua independência ao longo do século XIX, enfrentavam o desafio de superar os legados da escravidão e do colonialismo e, ao mesmo tempo, superar as divisões entre as elites políticas e militares e

as massas urbanas e rurais. Além disso, muitos desses primeiros historiadores haitianos esforçavam-se para incorporar a presença negra e as tradições culturais de matriz africana no imaginário nacional em constituição naquele período.

Tome-se, como exemplo, o caso de Juste Chanlatte, um *homme de couleur libre* (“homem de cor livre”) que publicou, em 1810, *Le cri du nature*, considerado uma das primeiras obras publicadas no contexto pós-independência, no qual apontou as ambiguidades do pensamento iluminista europeu, em especial as marcas do racismo científico, e produziu uma narrativa histórica da revolução haitiana, iniciando com as revoltas de escravizados em 1790, liderada por Vincent Oge, e culminando com a expulsão dos franceses em 1803. Por meio dessa narrativa, Chanlatte também valorizou o passado negro na formação nacional (BONGIE, 2015). Outro intelectual haitiano a produzir narrativas históricas sobre a revolução foi o poeta e político Hérard Dumesle que, na primeira metade do século XIX fazia parte de grupos de oposição ao governo do presidente Jean-Pierre Boyer, e que demandavam reformas econômicas e democráticas. Em sua obra *Voyage dans le nord d’Hayti* (1824), Dumesle foi um dos primeiros intelectuais a incorporar o vodu haitiano como parte da narrativa revolucionária, entendendo as revoltas de escravizados como elementos de fundação nacional, reconhecendo e valorizando as diversidades culturais no Haiti (ZAVITZ, 2017).

De acordo com Erin Zavitz (2017), outros intelectuais haitianos que produziram narrativas históricas sobre a revolução haitiana ao longo do século XIX foram Thomas Maidou, Beaubrun Ardouin e os irmãos Ignace e Émile Nau, os quais visavam reforçar a presença das massas populares e de elementos culturais negros na revolução, tais como o vodu. Maidou e Ardouin, em especial, produziram as primeiras obras em múltiplos volumes sobre a história haitiana, recorrendo a documentação escrita em arquivos, além de narrativas orais. Nos primeiros volumes da obra de Maidou, *Histoire d’Haïti*, que foram impressos na década de 1840, defendia a independência do Haiti como único caminho possível para abolir a escravidão e a discriminação racial. Assim como seus antecessores,

Midou estava comprometido em escrever uma história dos protagonismos africanos e afrodescendentes, num momento em que os historiadores europeus argumentavam que esses eram “povos sem história”. Midou, contudo, defendia que as massas campesinas e urbanas não poderiam ser o principal ator da independência, ao invés disso, os homens da elite e um seleto grupo de libertos eram caracterizados como os protagonistas da revolução.

Já nos escritos de Ardouin, *Études sur l’histoire d’Haïti*, publicados entre as décadas de 1850 e 1860, havia um destaque para os elementos religiosos da revolução, ainda que em tom crítico ao vodu, pois defendia a educação europeia como caminho para civilização e progresso. Esse discurso era mobilizado por Ardouin para apresentar o Haiti como uma nação civilizada. Além disso, Ardouin defendia a necessidade de uma perspectiva haitiana sobre a revolução e o processo de independência, e compreendia o caráter didático de escrever a história do Haiti: consolidar o patriotismo, a cidadania e educar as massas.

Na metade do século XX, um dos principais autores a tratar sobre a revolução do Haiti foi o historiador de Trinidad e Tobago, Cyril Lionel Robert (C. L. R.) James, que publicou *Os Jacobinos Negros* em 1938. A obra foi publicado pela primeira vez na Inglaterra em 1938, tendo reedições em 1963, 1980 e 1994. No Brasil a primeira tradução do livro data do ano 2000, 62 anos após a edição original. James defende que a revolução foi possível pelo fato dos escravizados já estarem em um estágio de organização elevado, consequência de um processo de disciplina imposto pelo mecanismo de produção, além das grandes transformações sociais que ocorriam no mundo entre 1789 e 1815, que foram importantes para a luta contra a escravidão e a independência de São Domingos. O livro é caracterizado por uma narrativa teatral, dividida em cinco atos: o cenário, os atores, a longa luta, o herói ébano e o desfecho épico.

C. L. R. James pode ser considerado como parte do pan-africanismo, um movimento político, cultural e intelectual que começa a ganhar forma na virada do século XIX para o século XX, voltado, entre outras pautas, para a defesa da unidade cultural africana e afrodiaspórica, a valorização das culturas e resgate dos

passados africanos/afrodiaspóricos e, principalmente a partir da década de 1930, o direito ao auto-governo e as descolonizações em África. De acordo com Alexandre Marcussi (2018), *Os Jacobinos Negros* pode ser considerado não apenas como uma análise historiográfica das revoltas de escravizados e da revolução haitiana, como também um “ponto de referência para refletir sobre o movimento pan-africanista de sua época e acerca do prospecto das independências das colônias europeias na África”, tornando-se, portanto, “um texto de ativismo político contra a dominação imperial de sociedades negras” (MARCUSSEI, 2018, p. 95-96).

Por extensão, C. L. R. James desafiava um argumento que predominava em diversos estudos acadêmicos na primeira metade do século XIX, o “mito do passado negro”, que pressupunha que os africanos teriam majoritariamente aceitado a dominação branca, contrastando com os indígenas que teriam resistido mais ativamente diante da invasão colonial. Assim, ao enfatizar os protagonismos negros na revolução haitiana, C. L. R. James afirmava enfaticamente o papel político desempenhado por escravizados e libertos na resistência ao colonialismo.

Convém frisar que, no contexto pós-independência, a revolução haitiana também foi tematizada pela literatura latino-americana e caribenha. As representações literárias do processo de independência do Haiti, e dos sujeitos históricos envolvidos na luta contra o colonialismo francês, também estavam entrelaçadas aos debates intelectuais que, a partir do século XIX, visavam preservar e valorizar as características culturais haitianas. Esses debates também passavam pela definição da identidade nacional, especialmente pelos diferentes posicionamentos acerca da valorização da cultura europeia/francesa diante dos elementos culturais africanos/afrodiaspóricos (a exemplo do vodu). Assim, ao longo do século XIX, foi-se inflando um clima de rivalidade entre mulatos liberais e negros de tendência nacionalista, que queriam retomar as tradições africanas, enquanto os primeiros tinham uma ideia de nação civilizada através da cultura francesa, pela assimilação da cultura ocidental. Os mulatos não reivindicavam tanto o heroísmo revolucionário, estando

mais interessados em conquistar o poder político e econômico. “Seu argumento de serem considerados mais capacitados para administrar a nova nação devido ao sangue branco que possuíam nas veias foi facilmente rebatido pelos negros que tentaram mostrar que, apesar de não terem sangue branco, ao se tornarem intelectuais, poderiam se libertar da suposta inferioridade racial.” (OYAMA, 2009, p.41). Ou seja, tinham a intenção de formar um corpo intelectual capaz de dialogar com a França e a Europa.

Com a invasão dos Estados Unidos no Haiti, durante os anos 1915 até 1934, a ocupação norte-americana serviu de tomada de consciência para os intelectuais locais ao pôr em evidência o consideravam ser uma alienação dos mulatos. A invasão estadunidense ocorreu em um contexto marcado pela famosa revolta dos Cacos, quando, o quadro de miséria no Haiti levou os camponeses negros do norte da ilha a e revoltarem contra a opressão social e política. Esse episódio foi utilizado para justificar a entrada e permanência dos Estados Unidos, sob a alegação de uma intervenção militar com o apoio de governantes haitianos. As consequências da invasão estadunidense foram rapidamente sentidas pela população haitiana: além da dissolução de seu exército nacional e da equiparação da moeda haitiana ao dólar, foram realizadas, em nome do governo haitiano, empréstimos a juros exorbitantes pagos para investidores americanos, “a anulação da interdição da posse de terras por estrangeiros, que vigorava desde o século XIX, e a aceleração da expropriação expropriação de pequenas propriedades”. (OYAMA, 2018). Por extensão, um sistema de trabalhos forçados foi utilizado pelo regime militar para projetos infraestruturais, como na construção de estradas. O período de ocupação militar estadunidense também foi marcado por episódios de tortura e massacres dos resistentes, a exemplo do massacre de Les Cayes, em 1929.

A poesia do final do século XIX já trazia em seu teor questões ligadas a raça, racismo e ostracismo, já buscando uma descolonização intelectual, ou seja, a mentalidade ocidentalizada estava sendo questionada durante a ocupação norte-americana. O vodu e a língua creole, herdados da África, eram tidos como significantes da barbárie, que se distanciavam dos

significantes da civilização herdados da França: a língua francesa, os usos e costumes, as práticas políticas e jurídicas e os costumes ocidentais. Durante a invasão americana, foram feitas muitas campanhas de perseguição ao vodu, o qual era associado à feitiçaria ou ao fanatismo religioso.

A partir disso, iniciou-se um processo de defesa da cultura haitiana alimentada pelos vanguardistas. Os filhos desta burguesia mulata foram influenciados pelas idéias vanguardistas que diziam respeito à *art nègre*, aos estudos etnológicos sobre a África e, principalmente, aos intelectuais negros americanos e africanos que se encontravam na Europa. Esta descoberta do país de origem em espaço europeu e pela mediação das vanguardas francesas foi o mesmo itinerário que Alejo Carpentier, Aimé Césaire, Oswald de Andrade, e tantos outros artistas latino-americanos percorreram para contribuir para o reconhecimento e independência literária de seu “país natal”. No Haiti, o Indigenismo surge com o retorno de intelectuais e artistas mulatos que passaram por este processo. (OYAMA, 2009, p. 44).

O indigenismo defendia uma tomada de consciência por parte dos escritores e artistas, na busca de incorporar a cultura popular. O termo indígena, nesse caso, não remete ao indígena natural da América, mas no sentido de nacional, já que a ocupação americana causou um impacto na história do país em relação às imposições coloniais e resistências que dali surgiram. Indigenismo é, no Haiti, o ímpeto dos artistas de inspirarem suas produções nos costumes e valores que pertencem à cultura nacional, até então relegada pela sociedade. Em 1927 é lançada a *Revue Indigene* por Jacques Roumain (1907-1945), que também é o escritor mais representativo do indigenismo haitiano. Em 1944, ele publicou o romance *Gouverneurs de la rosée*, que foi considerado o romance de fundação da literatura haitiana, em que o vodu e o crioulo são incorporados pela primeira vez como elementos da cultura dentro da literatura nacional. Outro nome importante do indigenismo haitiano foi Jean Price-Mars, que em 1928 publica o livro *Ainsi parla l’Oncle*, o qual ele utiliza do folclore a fim de promover uma reapropriação da cultura popular haitiana, tão desprezada pelas elites. Inspirando-se no título de

Nietzsche, ele substituiu o super homem Zaratustra por um personagem folclórico do Haiti, o Oncle Bouqui, o velho negro contador de histórias, que estuda o vodu, os cantos e contos, as lendas e adivinhas, e suas origens na África.

Do ponto de vista literário, a revolução do Haiti foi tema de *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier (1904-1980), obra publicada originalmente em 1949, na qual o escritor cubano-francês recria, dentro do universo do realismo mágico, o mundo haitiano desde o período colonial até a coroação de um rei negro na América. (CORREA, 2022, p.229). O cubano recriou a grande epopéia negra no romance, em cujo prefácio ele forjou o conceito de realismo maravilhoso, ou realismo mágico, inspirado justamente pelas forças mágicas do vodu, que ele conheceu em sua viagem ao Haiti em 1943. Inspirada no Haiti, a teoria de Carpentier encontra ecos entre os escritores haitianos daquela geração. A fonte inspiradora do realismo mágico haitiano é o vodu, que concebe uma série de elementos mágicos que se integram ao cotidiano dos haitianos. A arte, profundamente realista, é também ligada ao mito, ao símbolo, onde os autores buscam demonstrar que não há exclusão entre elementos contraditórios. Com exemplos tirados da vida real, são descritas cenas de um ritual vodu, em que a pessoa, em transe, é capaz de pegar em ferro quente, andar sobre brasas ou comer vidro.

A revolução haitiana, e de modo mais específico a trajetória de Toussaint Louverture, foi tematizada na dramaturgia pelo escritor Édouard Glissant (1928-2011), especialmente em sua peça *Monsieur Toussaint*, publicada originalmente em 1961. Inicialmente adepto das ideias do movimento da Négritude, Glissant elaborou o conceito de “antilhanidade”, com o objetivo de valorizar as particularidades culturais específicas às populações antilhanas/caribenhas, o que incluía o “reconhecimento de uma identidade marcada pela heterogeneidade, pela convergência de várias matizes” (OYAMA, 2018, p. 204). Assim, uma das características mais marcantes da civilização caribenha, na perspectiva de Glissant, seria a “crioulidade”, o agregado internacional ou transnacional de elementos oriundos de diversas culturas, tais como africanos, asiáticos, europeus e indígenas. Em *Monsieur Toussaint*, Glissant

apresenta seu protagonista, Toussaint Louverture, como um homem comum, dedicado a corrigir os seus erros, enfatizando, para isso, a vida de Louverture após sua prisão em 1802 e registrando sua morte, em 1803, na França. Desse modo, além de apresentar os levantes de São Domingos, Glissant destaca episódios históricos invisibilizados ou secundarizados pela “história oficial” da revolução. Por extensão, apresenta Toussaint Louverture como uma liderança capaz de conversar com o povo, ouvir as bases; na peça, Glissant demonstra que o povo deve assumir sua cultura crioula, como por exemplo pela língua.

Outro intelectual afro-antilhano que utilizou da literatura para retratar a revolução do Haiti foi o poeta e dramaturgo Aimé Césaire (1913-2008). Considerado como uma das figuras fundacionais do movimento da Négritude, iniciado por estudantes africanos e afrodescendentes em Paris na década de 1930, a exemplo do senegalês Leopold Senghor e do guianês Leon Damas, Césaire publicou a peça *La Tragédie du roi Christophe* (*A tragédia do rei Christophe*) em 1963. De acordo com Azevedo e Gil (2021), Césaire visitou o Haiti pela primeira vez em uma viagem realizada em 1844 e, após permanecer alguns meses na ilha, percebeu que a revolução haitiana, além de representar a maior revolta de escravizados no mundo colonial, ainda permanecia viva na memória da população haitiana. Com base nessa experiência, Césaire escreveu a peça, que aborda os conflitos entre dois líderes revolucionários haitianos, Alexandre Pétion (1770-1818) e Henry Christophe (1767-1820) no contexto pós-independência do Haiti em 1804. Na peça, Henry Christophe, um ex-escravizado que se proclama rei do Haiti em 1811, representa os impasses políticos vivenciados durante o processo de descolonização, refletindo as preocupações de Césaire, e de diversos outros intelectuais africanos e afrodiáspóricos, acerca dos rumos das lutas de libertação e descolonização no continente africano. Além disso, no mesmo período, Césaire publicou, pela editora Présence Africaine, o ensaio *Toussaint Louverture, La révolution française et le problème colonial* (*Toussaint Louverture, a revolução francesa e o problema colonial*) em 1962 (AZEVEDO, GIL, 2021).

Conclui-se portanto que o tema da da literatura

latino americana e caribenha, traz consigo o contexto pós independência, com representações literárias do processo de independência do Haiti que demarcam a luta contra o colonialismo por meio de debates intelectuais que visam valorizar as características culturais haitianas contra valorização da cultura eurocentrista. Os elementos culturais africanos e afrodiasporicos, como o vodu e a língua creole, são fundamentais no processo de defesa da cultura haitiana, do qual o romance de Isabel Allende dialoga afinal.

□

#### **4. ZARITÉ E A REVOLUÇÃO HAITIANA: O PROTAGONISMO FEMININO EM A ILHA SOB O MAR**

##### **4.1 Primeira parte: Saint Domingue**

*La Isla Bajo el Mar* foi escrito e publicado por Isabel Allende em 2009, e posteriormente publicado/traduzido no Brasil pela editora Bertrand como *A Ilha sob o Mar*, em 2010. Trata-se de um romance histórico que retrata a história da revolução haitiana no século XVIII, e os entrelaços desse acontecimento, sob a vivência de uma personagem específica: a protagonista Zarité. Portanto, além de fornecer uma representação dos processos políticos e sociais que levaram à insurgência de escravizados e à independência do Haiti, é um romance que trata sobre liberdade coletiva e individual. Em linhas gerais, o romance é dividido em duas partes, a primeira se passa na ilha de São Domingos, atual Haiti, onde ocorre a revolução. A segunda parte se passa nos Estados Unidos, na Louisiana, onde muitos colonos vão viver. Acompanhamos a história da revolução até certo ponto, pois na segunda parte, a revolução toma uma dimensão pessoal, relacionando-se com a emancipação da personagem principal.

Desde o primeiro capítulo, narrado por Zarité, a presença do vodu é relevante, pois, ainda criança, foi apresentada ao ritmo por Honoré. Devido a sua condição de mulher escravizada, Zarité, também chamada Teté, não tinha direito ou domínio sobre seu próprio corpo, era uma mercadoria a serviço de quem a tivesse comprado. Porém, a protagonista constrói desde a infância a experiência de deslocar-se da circunstância

de perda da condição humana, proporcionada pela escravidão, e experienciar a dimensão oposta, configurada pelo vodu, que preenchia diversas lacunas que o sistema delimitou aos corpos escravizados, trazidos sequestrados de África, apesar de tão opressoras as condições de vida. Nessas circunstâncias subversivas que proporcionavam a experiência da liberdade, mesmo que por um momento, também alimentava o elo ancestral de sua terra natal, as raízes que as sustentavam.

A primeira parte do livro se passa em São Domingos (Saint Domingue), a parte francesa da ilha, entre os anos 1770 e 1793. O livro nos é apresentado já com a narrativa de Zarité, mas o primeiro personagem a ser descrito é Toulouse Valmorain, um homem francês que chega à ilha em 1770, após receber uma carta sobre a saúde debilitada de seu pai. Admirava os filósofos e enciclopedistas, se considerava um homem de letras, “e estava de acordo com algumas das suas ideias liberais: o Contrato Social de Rousseau tinha sido o seu texto de cabeceira aos dezoito anos.” (ALLENDE, 2010. p.7). Apesar de suas intenções, o pai falece e Valmorain assume o controle da plantação. Ainda que a história seja obviamente construída pelas mulheres, a presença e apresentação dos homens, quase todos contrastantes e predadores, vai tecendo a narrativa e nos atentando às relações de poder na sociedade colonial, marcadas, também, por hierarquias de gênero. Nesse ponto da história, onde Valmorain já comanda a plantação como senhor, surge Prosper Camprey, seu capataz, que infringe os castigos aos escravizados: “Cambrey era o verdugo, enquanto Valmorain preservava para si o papel de amo benevolente, o que condizia com os ideais humanistas da sua juventude.”

(ALLENDE, 2010, p.21). Dessa forma, por meio de Valmorain, Isabel Allende também se atenta às contradições e limitações do pensamento humanista liberal presente no século XVIII, ao apresentar um personagem que, mesmo adepto dos ideais iluministas de igualdade e liberdade, envolvia-se diretamente com a exploração da mão de obra negra escravizada nas colônias.

A maneira como Valmorain e Zarité entrelaçam seus destinos, como senhor e escravizada, ocorre por meio de de Violette Boisier, mestiça e cortesã, que

compra Zarité de uma francesa, Madame Delphine, ainda menina, aos nove anos, para que sirva de criada à esposa de Valmorain. Madame Delphine tinha dois escravizados: Honoré, um velho para todo o serviço, que presta o papel de mãe para Teté, inclusive nutrindo-a com elementos da cultura africana. Zarité é comprada para servir de criada de Eugenia Garcia Del Solar, uma mulher de origem espanhola e esposa de Valmorain. Isso faz com que Zarité seja uma escravizada doméstica, que desconhece o sofrimento das plantações e está mais próxima dos senhores, o que acarreta em outros pontos que vista que lhe foram atribuídos. Após inúmeros abortos, quando concebe, Eugenia vai adentrando cada vez mais nas brumas da inconsciência, e Zarité a cuida como uma mãe zelosa, e também de Maurice, o filho de Eugenia, que conforme vai crescendo, sente medo de sua verdadeira mãe. Nessa mesma época, surge Gambo, um escravizado capturado após uma tentativa de fuga, e que é posto para trabalhar na cozinha. Como Zarité comandava os escravos da casa, acaba se aproximando e se apaixonando por Gambo. Apesar dos seus esforços para evitar uma gravidez, Zarité acaba engravidando, e sua filha nasce no mesmo dia que Gambo chega aos cimarrones.

Os rebeldes então vão ateando fogo às plantações. Quando chegam a Saint Lazare, a plantação de Valmorain, Gambo vai resgatar Zarité, e a mesma avisa Valmorain para que fuja, sob a condição dele assinar um papel libertando ela e Rosette, sua filha, da condição de escravizadas. Teté escolhe seguir com Valmorain e as crianças, deixando Gambo, que se reúne novamente à revolução, enquanto Valmorain instala-se em Le Cap, e Zarité passa a tomar classes com o mordomo da intendência, Zacharie, onde iniciam conversas mais políticas, e Zarité obtém informações antes não conhecidas sobre a condição de escravidão, e a situação na França. Após o breve período em Le Cap, passam por Havana, em Cuba, para depois seguirem a Louisiana, onde se passa a segunda parte do romance.

## **4.2 Segunda parte: Louisiana**

A segunda parte da história se passa na Louisiana, onde Zarité permaneceu na condição de escravizada

por sete anos, até ter sua alforria legalizada. Uma figura central para o firmamento do papel que libertava Zarithé e Rosette foi o religioso espanhol Frei António de Sedella, conhecido como Père Antoine. A Valmorain, a mudança foi encarada como uma nova chance de viver seus sonhos e ideais da juventude, com uma plantação modelo, com direito a vida humana para os escravos, e sua primeira mudança foi na escolha do capataz, muito diferente de Prosper Cambrey, contratou um irlandês chamado Owen Murphy, que estabeleceu desde o início a obrigação dos escravos de irem a missa.

Nesse momento, aparece a personagem de Hortense Guizot, que se torna a nova esposa de Valmorain. Durante um tempo, Valmorain mantém Zarithé e Rosette em sua casa na capital, Nova Orleães. Porém, durante o inverno, quando vão para a cidade, Zarithé tem que lidar com uma senhora extremamente exigente que encontra prazer nas humilhações que faz aos escravos. Zarithé vive então um momento de demandas constantes e injustas vindas de sua nova patroa. Assim seguiu seu servir sem descanso, devido às incessantes demandas e exigências da senhora, e também por temer por sua vida e de Rosette. Quando Hortense engravida e dá a luz a uma menina, para seu desgosto, já que queria um menino para competir a herança com Maurice, Zarithé é posta novamente no papel de cuidadora, já que a menina não conseguia se alimentar, e Zarithé salva-a com os métodos de Tante Rose, a curandeira de Saint Lazare, alimentando-a com leite de cabra e água de arroz. Após o parto, gorda e sem caber em qualquer vestido, Hortense, em um ataque de nervos, acaba por açoitar Zarithé, por uma sugestão que não foi bem recebida. Maurice intervém a favor de Tete, e acaba por tomar o açoite das mãos da madrastra e atacá-la. Após o episódio, Maurice foi enviado a um colégio interno em Boston, do qual não regressou até o fim de seus estudos, e Zarithé foi enviada imediatamente à plantação para cortar cana-de-açúcar. Assim que chegou na *plantation*, auxiliou a esposa do capataz, chamada Leanne, com um parto complicado, e assim tornou-se ajudante no hospital dos escravos, levando em conta que tinha muitos conhecimentos adquiridos graças ao convívio com Tante Rose. Ficou dois anos a servir na plantação, e o trabalho parecia leve, comparado às exigências de

Hortense. Nesse instante Zarité se deu conta da solidão da sua existência, que só tinha as crianças, porém, integrou-se bem a comunidade, onde encontrou a quem compartilhar recordações e aspirações. Foi chamada para retornar a casa quando nasceu a segunda filha de Valmorain e Hortense, para que Teté a cuidasse, já que a menina também se recusava a comer.

Assim que pode, Zarité recordou Valmorain que naquele ano faria 30 anos e tinha, portanto, direito à liberdade. Novamente Zarité busca Pere Antonie, que escreve duas mensagens: uma a Valmorain e outra a Sancho Garcia del Solar, irmão da falecida Eugenia, que vive com os Valmorain em Nova Orleães, para que fossem visitá-lo o mais breve possível. Durante a visita, o padre mostra o documento assinado por Valmorain, e diz que a Zarité deveria ter sido emancipada há sete anos, já que o Código Negro (*Code Noir*) determinava que um escravo que salva a vida de um membro da família do amo tem direito à imediata liberdade, independente da idade, tendo em vista que Zarité salvou-o do incêndio. Então o padre pede encarecidamente que Valmorain cumpra a sua palavra, libertando Zarité, pois o documento precisava ser legitimado legalmente.

No dia seguinte, compareceram todos ao tribunal para legalizar a emancipação de Zarité, por bom comportamento e serviços leais e entregando-lhe também o pertencimento de Rosette. O juiz estabeleceu um prazo máximo de quarenta dias para qualquer objeção à liberdade de Zarité. O processo durou nove minutos, e saíram todos satisfeitos inclusive Valmorain, que percebeu que na verdade tinha se livrado de um problema, pois Zarité já não o servia como antes e poderia arrumar facilmente outra ama de leite às filhas. Convém mencionar, nesse ponto, que a mobilização da justiça por parte de escravizados, em busca de suas liberdades, para a obtenção da alforria (seja para si mesmos, ou para familiares) ou para denunciar maus-tratos, foi um fenômeno recorrente no período em que predominou o sistema de trabalho escravizado, e demonstra o modo como que esses sujeitos históricos interpretavam e faziam uso ativo da legislação e da justiça para criar brechas e possibilidades de liberdade (CHALHOU, 1990).

Passado os quarenta dias, dos quais Zarité esteve com Pere Antonie a trabalhar auxiliando os

desamparados em troca de alimentação e moradia, no dia 30 de novembro de 1800, o juiz assinou sua liberdade e entregou-a Rosette. Em homenagem ao padre, que tanto auxiliou-a no processo de liberdade, escolheu o sobrenome Sedella. Assim, a partir daquele momento, “Zarité Sedella, trinta anos, mulata, livre. Rosette, onze anos, mestiça, escrava, propriedade de Zarité Sedella. Era isso que dizia o papel que Père Antoine me leu, palavra por palavra, antes de me dar a sua bênção e um abraço apertado. Foi assim.” (ALLENDE, 2010, p. 125). Então foi para a praça, onde chorou longamente, até que uma voz conhecida chamou-a, era Zacharie, o mordomo da intendência que ensinara a Zarité a servir entre os ricos, ainda em Le Cap, no auge da revolução.

Um pouco antes de ter sua alforria legalizada, trabalhando com caridade com o padre, Zarité encontra Sancho e lhe explica que precisa de um trabalho, já que temia pelas necessidades de sua filha. Sancho então leva-a a sua nova paixão, ninguém menos que Violette Boiser, a mestiça que comprava Zarité para Valmorain. Zarité se despede do padre e foi viver com Violette, que trabalhava vendendo cosméticos caseiros e elixires de beleza para as mulheres da cidade. Enquanto isso, a Louisiana também passava por seus processos de colonização, e passa de uma colônia francesa ao domínio do governo estadunidense. Em vista disso, a filha de Zarité, Rosette, que tinha sido enviada para estudar em um colégio interno religioso, é enviada a Zarité, já que as freiras, aterrorizadas com a possibilidade dos americanos arrasar a cidade, profanar a igreja e violá-las, vão para Cuba.

Violette aprimora então um plano para o futuro de Rosette, chamado *Plaçage*, que seria um homem branco que a mantivesse, pois colocar um branco para sustentar as filhas das mulatas era mais conveniente que casá-las com um homem de cor. Não se tratava de casamento, o homem escolhia a mulher e tratava-a como uma esposa, e a união durava até a hora do homem casar-se com alguém de sua classe, mas a relação podia durar a vida toda. “O plano de Violette consistia em impor uma certa justiça: a rapariga *placée* devia exigir segurança para ela e para os seus filhos, uma vez que oferecia completa dedicação e fidelidade”. (ALLENDE, 2010, p. 134). A intenção de Violette era

oferecer um baile luxuoso, chamado “Cordon Bleu”, no qual os convidados seriam brancos ricos e interessados na plaçage, um baile tão seletivo como das debutantes brancas. O protetor devia oferecer uma casa, uma pensão e garantir a educação dos filhos do casal, em troca, a moça oferecia discricção durante o tempo da relação. De acordo com Araújo (2020), a plaçage foi importada da África, e passou por adaptações de acordo com a realidade em cada cidade que ocorreu o êxodo, como por exemplo, em Nova Orleans na Louisiana. Representava uma expressão da união estável africana, que podia ou não ser poligâmica, dependendo dos acordos diversos.

No dia do baile, aparece Maurice, filho de Valmorain, a tanto tempo distante, já que desde que fora enviado para estudar em Boston, por consequência do episódio do açoite em Zarité, não retornara para casa. Durante esse tempo, Maurice e Rosette trocavam cartas apaixonadas, e Maurice apareceu no baile para cortejá-la, o que gera grande confusão e frustração a todos. Quando a notícia chega em Valmorain, o pai de Maurice indignou-se profundamente, embora seu incômodo fosse maior por ela ser mestiça, e não por serem filhos do mesmo pai.

— Estes impulsos são normais na tua idade, filho. O teu caso não tem nada de original — assegurou-lhe Valmorain.

— Ninguém se casa aos dezoito anos, Maurice. Vais escolher uma amante, como qualquer jovem da tua condição. Isso vai-te tranquilizar. Se há algo de sobra nesta cidade são belas mulatas..

. — Não! Rosette é a única mulher para mim — interrompeu-o o seu filho.

— O incesto é muito grave, Maurice.

— Muito mais grave é a escravatura.

— O que é que tem a ver uma coisa com a outra?

— Muito, monsieur. Sem a escravatura, que permitiu ao senhor abusar da sua escrava, Rosette não seria minha irmã — explicou-lhe Maurice.  
(ALLENDE, 2010, p. 151)

A saída encontrada para o problema é o plaçage, porém Maurice recusa-se, o que deixa Valmorain ainda mais enfurecido. Maurice tinha intenções de seguir a carreira política, que regressaria a Boston e estudaria advocacia, e trabalharia para abonar a escravidão. Valmorain, indignado e incrédulo que seu filho fosse um abolicionista, deserdou-o. Após o encontro com seu pai, Maurice segue de encontro a Zarité e Rosette, determinado a casar, mesmo sendo meio-irmãos. Zarité fica contrariada, mas não os rechaça, e ajuda-os a se casarem. Maurice parte para Boston depois de dois dias, para arrumar casa e trabalho, e no próximo verão,

Rosette juntaria-se a ele. No momento que Maurice abandonou a casa paterna, Valmorain perdeu a saúde, tendo um ataque cerebral. Rosette engravida, assim como Zarité, que agora é casada com Zacharie. A filha de Zarité nasce, e “Tété pôs-se a chorar de felicidade: podia amá-la sem medo que lha tirassem. Era sua. Deveria defendê-la de doenças, acidentes e outras desgraças naturais, como a todas as crianças, mas não de um amo com direito a dispor dela como lhe desse na gana”. (ALLENDE, 2010, p. 164). Um dia, Valmorain vai até a casa de Zarité, que se apieda pelo estado de saúde do seu antigo amo, que lhe pede para ver o neto, o filho de Rosette com Maurice. Apesar da tentativa de Valmorain para que lhe entregasse o menino para ser criado como um Valmorain, Maurice nega o pedido do pai, que permite que Valmorain veja o neto, mas somente na presença de Zarité, que o cria junto de seus filhos. Zacharie e Zarité tem outro filho, Honoré, e querem outros, para envelhecerem entre muitos filhos, netos e bisnetos, todos livres.

### 4.3 Os caminhos para a revolta

Na primeira parte do romance, ambientado em um contexto histórico que antecede a revolução, Isabel Allende traça um percurso, que apresenta o ponto de vista dos brancos e dos negros, dos mulatos, dos escravizados e dos negros livres. Já nos primeiros capítulos, após o casamento de Eugenia e Valmorain, os colonos são convocados a assistir presencialmente uma execução de cinco fugitivos, que foram pegos a caminho das montanhas. É nesse ponto que Isabel nos conta a história de Mackandal, um mestre vodu em São Domingos na metade do século XVIII. François Mackandal foi o líder de um movimento de escravizados insurgentes entre 1751 e 1757. Dentro da literatura caribenha, sua figura recebe dimensão de importância, já que, em *O reino deste mundo*, de Alejo Carpentier, romance de estreia do realismo mágico, Mackandal é um dos personagens principais, onde a história da revolução haitiana é contada através de rituais vodu. Em *A ilha sob o mar*, Mackandal também se faz presente, assim como a célebre cerimônia de Bois Caiman. Contudo, na interpretação fornecida por Isabel Allende em *A ilha sob o mar* quem é a mestre de

cerimônia do ritual é Tante Rose, demonstrando, portanto, a ênfase no protagonismo feminino característico dos romances de Allende. Tante Rose, curandeira da plantação, a sacerdotisa *mambo* que comandava os rituais vodu, é quem realiza os procedimentos mágicos entre mundos, quem personifica Ogun na cerimônia de Bois Caiman, celebre ritual vodu que deu início a revolução. Era consultada por outras plantações, e atendia escravos, animais, servia como parteira, e era requisitada para diversas enfermidades. A curandeira era permitida sair longe e sem acompanhamento para comprar ingredientes dos quais fazia seus remédios, que requeriam matéria fresca da natureza, preparação exata e ritos adequados. A partir disso, podemos comparar entre as duas narrativas os caminhos que levaram a revolução, a partir do realismo mágico, chamado por Carpentier de maravilhoso, em que o autor reflete que:

muitos esquecem— disfarçados de mágicos baratos — que o maravilhoso começa a sê-lo, de maneira inequívoca, quando surge de uma inesperada alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de um destaque incomum ou singularmente favorecedor das inadvertidas riquezas da realidade, ou de uma ampliação das escalas e categorias da realidade, percebidas com particular intensidade, em virtude de uma exaltação do espírito, que o conduz até um tipo de “estado limite”. (CARPENTIER, 1949, p. 8).

Alejo Carpentier era cubano, e em uma viagem ao Haiti, surpreendeu-se com a realidade com o qual o povo vivia, escrevendo então o famoso romance *O Reino Deste Mundo* em 1949. Carpentier observou que a presença e a vigência dessa realidade maravilhosa não era algo único do Haiti, mas algo relevante para toda a América Latina e Caribe, ou seja, que toda a história da América é uma crônica da realidade maravilhosa.

Carpentier descreve Mackandal, como o “Senhor do Veneno”, dotado de suprema autoridade pelos “Mandatários da Outra Costa”. Tinha proclamado a “cruzada de extermínio, eleito, como ele havia sido, para acabar com os brancos e criar um grande império de negros livres em São Domingos. Milhares de escravos eram leais a ele. Já ninguém poderia deter a marcha do veneno. (CARPENTIER, p. 17). Tinha poderes ilimitados de transformar-se em qualquer animal, e visitava frequentemente as fazendas para vigiar seus seguidores. De forma semelhante à narrativa de

Carpentier, Isabel Allende descreve a história de Mackandal e sua captura no capítulo “A expiação”, projetando-o como um precursor nas lutas pela liberdade no contexto colonial.

Allende enfatiza que Mackandal perdeu o braço direito em um acidente, e como ficou inutilizado para os canaviais, o seu senhor mandou-o tratar do gado. Na solidão e no silêncio, recuperou as imagens da sua adolescência, quando treinava para a guerra e para a caça, como se impunha ao filho de um rei: cabeça levantada, peito erguido, pernas rápidas, olhos alertas e a lança empunhada com firmeza. Apesar da diferença da vegetação, começou a provar raízes, cascas, cogumelos e folhas de diversas espécies, e assim foi aprendendo a serventia de cada um: alguns para curar e outros para matar, para entrar em estado de transe e provocar sonhos. Assim foi arquitetando sua fuga, quando por fim fugiu para as montanhas, unindo-se aos cimarrones, equivalente aos quilombolas brasileiros, onde iniciou a rebelião de escravizados. Logo, o nome de Mackandal estava em todas as bocas dos negros, repetindo como uma oração.

O gado começou a morrer, ato que os colonos atribuíram a uma planta mortífera, depois foram os cavalos, os cães, e então as famílias, em uma doença que só assolava os brancos, até que perceberam que era veneno. Mackandal foi capturado vivo, numa cena que Isabel Allende descreve como uma menina que o entrega sob a ameaça de ser queimada viva. Queimam-na da mesma maneira. Um espetáculo fora armado para a expiação do mandinga, onde a melhor vista fora reservada para os escravos, para que verificassem a condição de pobre negro aleijado de Mackandal, que seria queimado vivo. Não era um escravo que ia ser executado, mas sim o único homem verdadeiramente livre entre a multidão. “Foi assim que todos o intuíram, e um silêncio profundo abateu-se sobre a praça. Finalmente, os negros reagiram, e um coro incontrolável uivou o nome do herói: “Mackandal, Mackandal, Mackandal”. (ALLENDE, 2010, p. 23).

Nesse ponto, o governador deu o sinal e foi ateado fogo ao poste da fogueira, e então, as versões alteram-se, pois os negros diziam que ouviram a voz de Mackandal a dizer “Voltarei!”, vê-lo soltar-se das correntes, enquanto os colonos brancos dizem tê-lo

contido a pancadas e o conduziram de volta a pira. Mas aos negros, Mackandal transformou-se em mosquito, e deu uma volta na praça para que os negros pudessem se despedir. Mackandal tinha sido mosca, bruxa, cupim, tarântula, carneirinho-do-pau e até vaga-lume de grandes luzes verdes.

No momento decisivo, as cordas que atavam o mandinga, privado de um corpo para sujeitarem, desenhariam durante um segundo o contorno de um homem etéreo, antes de resvalarem ao longo do poste. E Mackandal, transformado em mosquito zumbidor, pousaria no próprio tricórnio do chefe das tropas, para gozar o desapontamento dos brancos. Isso era o que os amos ignoravam; e haviam jogado fora tanto dinheiro organizando aquele espetáculo inútil, que revelaria a sua impotência total para lutar contra um homem ungido pelos grandes Loas (...) Naquela tarde os escravos regressaram para as fazendas rindo durante todo o trajeto. Mackandal tinha cumprido sua promessa, permanecendo no reino deste mundo. Uma vez mais, os brancos eram batidos pelos Altos Poderes da Outra Costa (CARPENTIER, 1949, p. 20).

Outro líder revolucionário recuperado por Isabel Allende em sua narrativa foi Dutty Boukman, um hungã, isto é, um sacerdote do vodu haitiano, que conduziu a cerimônia considerada catalisadora da revolta de escravos de São Domingos em 14 de agosto de 1791. Em *A ilha sob o mar*, a cerimônia é realizada por Tante Rose, e narrada por Zarithé, que descreve Bois Cayman, local da cerimônia ao norte da ilha, como um bosque imenso, com muitas encruzilhadas e árvores sagradas, onde vivem os espíritos da natureza e dos escravos mortos que não retornaram a Guiné. Assim, para Allende, tanto Boukman quanto Tante Rose seriam os sacerdotes a guiar o ritual:

Boukman tomou a palavra para invocar o deus supremo, Papa Bondye, e pedir-lhe que os conduzisse à vitória. «Escutai a voz da liberdade, que canta em todos os nossos corações!», gritou e os escravos responderam com um clamor que fez balançar a ilha. Os tambores começaram a falar e a responder uns aos outros, a marcar o ritmo para a cerimônia. As hounsis dançaram à volta do poteau-mitan movendo-se como flamingos, agachando-se, levantando-se, os pescoços ondulantes, os braços levantados, e cantaram a chamar os loas, primeiro Légbé, como se faz sempre, depois, um a um, os restantes. A mambo, Tante Rose, traçou o vévé à volta do poste sagrado com uma mistura de farinha, para alimentar os loas, e de cinza para honrar os mortos. Os tambores aumentaram a sua intenção, o ritmo acelerou-se e o bosque inteiro palpitava desde as raízes mais profundas até às estrelas mais remotas. Então, Ogun desceu com espírito de guerra, Ogun-Ferraille, deus viril das armas, agressivo, irritado, perigoso e Erzuli saltou de Tante Rose para dar lugar a Ogun, que a montou. Todos viram a transformação. Tante Rose ergueu-se direita, com o dobro do seu tamanho, sem coxear nem dobrada pelos anos de vida, com os olhos em branco, deu um salto inacreditável e caiu especada a três metros de distância em frente de uma fogueira. Da boca de Ogun saiu um bramido de trovão e o loa dançou levantando-se do chão, caiu a saltitar como uma bola, com a força dos loas, acompanhado pelo estrondo dos tambores. Aproximaram-se dois homens, os mais fortes, para lhe dar açúcar para o acalmar, mas o loa agarrou-os como bonecos e atirou-os para longe. Tinha vindo para entregar uma mensagem de guerra, justiça e sangue. Ogun pegou com os dedos num carvão em brasa, pô-lo na boca, deu uma volta completa a chupar fogo e depois cuspiu-o sem queimar os lábios. A seguir, tirou uma grande faca ao homem mais próximo, deitou o asson por terra, dirigiu-se para o porco preto do sacrifício atado a uma

árvore e, com um só golpe, degolou-o com o seu braço de guerreiro, separando a grande cabeça do tronco e ensopando-se com o seu sangue. Nessa altura, muitos servidores tinham sido montados e o bosque encheu-se de Invisíveis, Mortos e Mistérios, de loas e espíritos misturados com os humanos, todos revoltados, a cantar, a dançar, a saltar e a rebolar-se com os tambores, pisando as brasas a arder, a lamber folhas de facas aquecidas ao rubro e a comer malagueta aos punhados. O ar da noite estava pesado, como uma terrível tempestade, mas não soprava nem uma brisa. Os archotes iluminavam como ao meio-dia, mas a Maréchaussée, que rondava por perto, não os viu. Passado um grande bocado, quando a imensa multidão estremeceu como uma só pessoa, Ogun lançou um rugido de leão para impor silêncio. Os tambores calaram-se de imediato, todos menos a mambo voltaram a ser os mesmos e os loas retiraram-se para as copas das árvores. Ogun-Ferraille levantou o asson para o céu e a voz do loa mais poderoso rebentou na boca de Tante Rose para exigir o fim da escravatura, chamar à rebelião total e nomear os chefes: Boukman, JeanFrançois, Jeannot, Boisseau, Célestin e vários outros. (ALLENDE, 2010, p. 59, 60)

Outro líder importantíssimo que toma dimensão de personagem é Toussaint Louverture, a quem Gambo conhece em um dos acampamentos, onde exercia a função de conselheiro de guerra e curandeiro. Allende o descreve quase como um ser mágico: não dormia, alimentava-se apenas de frutas e conseguia passar dois dias e duas noites em cima de um cavalo. Nunca levantava a voz, mas as pessoas tremiam na sua presença. Além disso, “era doutor de ervas e adivinho, sabia decifrar as mensagens da Natureza, os sinais das estrelas e as intenções mais secretas dos homens; deste modo, livrava-se de traições e emboscadas” (ALLENDE, 2010, p. 70)

Ninguém conhecia melhor do que ele a mentalidade dos brancos. Tinha nascido e vivido escravo numa plantação em Bréda, educou-se sozinho, abraçou com fervor a religião cristã e conquistou a estima do seu amo, a quem, inclusive, confiou a família quando chegou o momento de fugir. Essa relação provocava suspeitas, muitos achavam que Toussaint se submetia aos brancos como um criado, mas Gambo ouviu-o dizer muitas vezes que o propósito da sua vida era terminar com a escravatura em Saint-Domingue e nada nem ninguém o faria desistir. A sua personalidade atraiu Gambo desde o princípio e decidiu que, se Toussaint se convertesse em chefe, ele mudaria de bando sem hesitar. Boukman, aquele gigante com vozeirão de tempestade, o eleito de Ogun-Ferraille, foi a chispa que acendeu a fogueira da rebelião em Bois Cayman, mas Gambo adivinhou que a estrela mais brilhante do céu era a de Toussaint, aquele homenzinho feio, com a queixada protuberante e pernas arqueadas, que falava como um pregador e rezava ao Jesus dos brancos. (ALLENDE, 2010, p. 64)

A partir de então, a revolução toma uma dimensão importante no romance, e, sobretudo, o modo como a revolução foi vivenciada por cada personagem. Sob o ponto de vista dos brancos, Allende nos apresenta Etienne Relais, um soldado do exército francês, e casado com Violette Boisier, o qual planeja desligar-se do exército e retornar à França com a mulher e o filho. No romance, é Relais quem mata Boukman, e depois morre devido a ferimentos de batalha, nunca

reencontrando Violette e o filho, que fogem para Cuba, e depois para a Louisiana, onde se passa a segunda parte da história. Valmorain, ateu e descrente, é atormentado por visões nas raras ocasiões em que vai dormir sóbrio, perturbado pelo fato da fortuna da família ter sido construída sob o sangue alheio. Conforme descreve Allende, “ao contrário de outros *grands blancs*, não conseguia ignorar as vozes que se levantavam na Europa e na América para denunciar o inferno das plantações das Antilhas”. (ALLENDE, 2010, p.60).

Isabel Allende apresenta portanto todos esses personagens que vivenciam a revolução dentro de suas particularidades, incluindo a personagem principal, Zarite, em que seu processo será discutido posteriormente. Assim, podemos entender sob diversos pontos de vista como a trama vai sendo desenvolvida, até o estopim da revolução, iniciando com Mackandal, passando por Bouckman, o próprio Toussaint, os soldados franceses, os brancos colonos, escravizados, fugitivos, mulatos e negros livres, além do processo das mulheres. Segundo Allende, em *Paula*:

O romance é um projecto de longo fôlego para o qual contam sobretudo a resistência e a disciplina, é como bordar uma complicada tapeçaria com fios de muitas cores, trabalha-se pelo avesso, pacientemente, ponto por ponto, cuidando dos pormenores para que não fiquem nós visíveis, seguindo um desenho vago que só se aprecia no final, quando se dá a última laçada e se volta o tapete a direito para ver o desenho acabado. Com um pouco de sorte, o encanto do conjunto dissimula os defeitos e torpezas da tarefa (ALLENDE, 1994, p.399,400)

Desse modo, Isabel Allende nos apresenta a revolução haitiana buscando unir todos esses pontos, ao mesmo tempo que cada realidade é divergente e contrastante entre si, e isso constitui parte do realismo mágico na obra, pela multiplicidade das vozes e perspectivas que nos são apresentadas. E ao final da primeira parte do romance, não chegamos a qualquer entendimento concreto sobre os acontecimentos, pois Zarité parte com Valmorain para Louisiana no auge da revolução, e só escuta notícias vindas de longe de sua terra natal. A revolução, portanto, no romance, não tem começo, meio e fim, acontece no presente e acompanha os desdobramentos das personagens perante aos acontecimentos que vão ocorrendo sucessivamente.

#### 4.4. Zarité

Tendo em vista que o romance de Allende trata sobre a revolução, haitiana, é através da personagem principal, Zarité, que conhecemos de maneira íntima os caminhos que levam a sua emancipação pessoal, e esses caminhos se iniciam desde sua infância, onde, através do vodu, aprendeu a se desprender das amarras que o sistema lhe impunha, ao menos enquanto dançava, o que aprendeu com Honoré. Em contraponto, enquanto Honoré trazia a Zarité a noção orgulhosa de ser negra, Madame Delphine, assim como outras personagens ao decorrer da obra, definham e barbarizam a condição do negro, ignorando e desdenhando do fato de que tal condição foi criada e sustentada pelos brancos europeus em suas ganancias mercantilistas. Quando Zarité é comprada, leva consigo a boneca que era utilizada nos rituais vodus, representando a loa Erzuli

Também levei a minha boneca, que era sagrada, como os santos de Madame Delphine, mas mais poderosa, como me disse Honoré quando a talhou para mim. Honoré estava sempre afalar-me da Guiné, dos loas, do vodu, e avisou-me para nunca me aproximar dos deuses dos brancos, porque são nossos inimigos. Explicou-me que, na língua dos seus pais, vodu quer dizer espírito divino. A minha boneca representava Erzuli, loa do amor e da maternidade. Madame Delphine fazia-me rezar à Virgem Maria, uma deusa que não dança, só chora, porque lhe mataram o filho e porque nunca chegou a ter o prazer de estar com um homem. (ALLENDE, 2010, p.19)

Nessa comparação entre a Virgem Maria, presente na religiosidade cristã, e Erzuli, uma divindade (loa) no vodu, ambas mães, podemos refletir sobre a diferença entre o corpo que dança e o corpo travado, segundo Eich:

Ao contrário do corpo católico, travado, resistente e obstruído em sua naturalidade, o corpo que se coloca nos rituais religiosos de origem africana está predisposto a perder-se em transe, abrir mão de seu autocontrole e entregar-se à manifestação da divindade. E é através da dança que percorre esse caminho. Mas é um caminho que precisa ser ensinado, pois não é expressão espontânea de um indivíduo. É manifestação do saber coletivo em função do qual a sociedade se organiza. E é fruto de um processo de educação. (EICH,2015,p.73)

Os assuntos pertinentes à condição feminina, como parto, gravidez, amamentação e menstruação, são temas recorrentes nas obras de Isabel Allende. Em *A ilha Sob o Mar*, Allende apresenta diversas passagens que relatam nascimentos: Zarité passa por quatro partos, e considera Maurice, o filho de Eugenia, como seu próprio filho. O primeiro filho de Zarité foi fruto de

abuso sexual por parte de Valmorain, cena recorrente que se inicia quando ela tem apenas dez anos. Isabel Allende, em muitas de suas obras, destaca a questão do abuso sexual, tendo em vista que ela mesma fora abusada em sua infância, fato relatado em *Paula* (1994), e que também ocorre em *O Caderno de Maya* (2011). De acordo com Ochy Curiel (2017), teórica feminista dominicana, em seu texto *Género, raza, sexualidad: debates contemporáneos*, relacionando os temas gênero, raça e sexualidade, se por gênero e sexualidade o sistema de opressão já oprime as mulheres, essa desigualdade toma uma dimensão ainda maior quando se é retirada as forças de suas raízes e forçada ao trabalho escravo, sem remuneração, com extrema violência, em uma sociedade na qual a pessoa é uma mercadoria, uma moeda de troca, e que enriquece aqueles responsáveis pelo seu aprisionamento. Assim, a maior dominação de Valmorain sob Zarité foi a escravidão sexual, e sexualidade e raça se interseccionam na luta contra o sistema colonial, capitalista e patriarcal.

Na próxima passagem, observamos a ocorrência do primeiro abuso, em um diálogo sutil entre Zarité e Valmorain:

— Minha pobre Eugenia. Passa a noite atormentada por pesadelos e o dia atormentada pela realidade — murmurou.  
— Sim, amo.  
— Não compreendes nada do que digo, não é verdade, Tété?  
— Não, amo.  
— Melhor assim. Quantos anos tens?  
— Não sei, amo. Mais ou menos dez.  
— Então ainda te falta muito para seres mulher, não?  
— É possível, amo. O seu olhar percorreu-me de alto a baixo. Levou uma mão ao membro e segurou-o, como se o pesasse. Recuei com a cara a arder. Da vela caiu uma gota de cera sobre a sua mão e lançou uma maldição, logo a seguir ordenou-me que fosse dormir com um olho aberto para velar pela ama. Estendeu-se na sua rede, enquanto eu deslizava como um lagarto para o meu canto. Esperei que o amo adormecesse e comi com cuidado, sem o menor ruído. Lá fora começou a chover. (ALLENDE, 2010, p. 26)

Quando Zarité engravida, Valmorain manda Eugenia para Cuba, sob o pretexto de cuidar de sua debilitada saúde mental. De fato, o objetivo era pra esconder a gravidez de Teté, já que ela era a âncora que sustentava Eugenia no mundo, portanto, jamais receberia de bom grado a notícia de que Zarité teria um filho de seu marido. Maria Lugones, feminista ativista argentina, no artigo *Colonidad y Genero* (2008), diz que “la pureza y la pasividad sexual son características cruciales de las hembras burguesas blancas quienes

son reproductoras de la clase y la posición racial y colonial de los hombres blancos burgueses” (LUGONES, p. 97, 2008), ou seja, a Eugenia servia o papel de reproduzir o herdeiro de Valmorain, e a Zarité aos deleites sádicos. Assim, quando esses atos geram uma vida, Eugenia fora resguardada da informação de que Valmorain abusava de Zarité para manter um status social, de esposa, enquanto Zarité era hipersexualizada desde a infância, em contraposição à Eugenia, associada à imagem da pureza, e além disso, da louca, o que posteriormente leva a exclusão de Eugenia da esfera de autoridade coletiva. Tratada como uma criança, não tinha escolha ou direito sobre produção de conhecimento.

Eugenia, criada em um convento e isolada do mundo, não sabe e não faz questão de saber nada que não seja sobre ser uma esposa, boa mãe, preservar sua beleza e agradar aos homens, outrora o irmão, então o marido. Porém, inconformada e assustada perante a nova realidade que se apresentava a ela, Eugenia sucumbe às crises de loucura que lhe afligem, tinha muitos medos e aflições relacionadas diretamente com as crenças dos negros. Zarité contesta o fato de que as crises de sua ama coincidem com as calendas, os rituais vodu onde os negros se reuniam para dançar, já que Eugenia acreditava fielmente que os tambores anunciavam feitiçarias e maldições, o culpado de todas suas desgraças, inclusive o fato de não conseguir ter filhos. Depois de sete anos do primeiro aborto, pois sua grave situação mental não lhe permitia manter qualquer gestação, engravidou novamente, mas tinha plena certeza de estar grávida de um zumbi - um corpo sem alma, conectado ao vodu e levantado de seu túmulo por um sacerdote. A relação entre Valmorain e Eugenia, assim como a gestação e aspectos importantes do vodu e do realismo mágico são descritos a seguir:

Depois de tantos dissabores matrimoniais, tinha optado por pô-la de lado, como se aquele fantasma entrapado não estivesse relacionado com ele, mas quando Eugenia aparecia vestida de festa na aconchegadora luz dos candelabros, ele voltava a ter a ilusão por uns instantes. Já não a amava, mas era a sua esposa e teriam de permanecer juntos até à morte. Aqueles lampejos de normalidade costumavam conduzi-los à cama, onde ele a assaltava sem preâmbulos, com urgência de marinheiro. Esses abraços não conseguiam uni-los nem trazer Eugenia de volta ao terreno da razão, mas às vezes conduziam a outra gravidez, e repetia-se assim o ciclo da esperança e da frustração. Em Junho desse ano, soube que estava grávida de novo e ninguém, muito menos ela, se animou a festejar a notícia. Por coincidência, houve uma calenda na mesma noite em que Tante Rose lhe confirmou o seu estado, e ela acreditou que os tambores lhe anunciavam a gestação de um monstro. A criatura no seu ventre estava amaldiçoada pelo

vodu, era uma criança zumbi, um morto-vivo. Não houve maneira de a acalmar e a sua alucinação chegou a ser tão vívida que contagiou Tété. «E se fosse verdade?», perguntou ela a Tante Rose, a tremer. A curandeira assegurou-lhe que nunca ninguém gerara um zumbi, tinham de ser feitos de um cadáver fresco, um procedimento nada fácil, e propôs-se fazer uma cerimônia para o mal da imaginação de que sofria a ama. Esperaram que Valmorain se ausentasse e Tante Rose fez reverter a suposta magia negra dos tambores com complicados rituais e encantamentos destinados a transformar o pequeno zumbi num bebê normal. «Como é que vamos saber se isto deu resultado?», perguntou Eugenia, no final. Tante Rose deu-lhe a beber uma tisana nauseabunda e disse-lhe que, se urinasse azul, tudo tinha corrido bem. No dia seguinte, Tété retirou um bacio com um líquido azul que deixou Eugenia meio tranquilizada, porque julgou que lhe tinham posto algo no bacio. (ALLENDE, 2010, p. 29).

Para Lugones, a essas mulheres como Eugenia, “la supuesta y socialmente construida debilidad de sus cuerpos y de sus mentes cumple un papel importante en la reducción y reclusión de las mujeres burguesas blancas con respecto a la mayoría de los dominios de la vida; de la existencia humana.” (LUGONES, 2008, p. 98). Enquanto para Zarité, para as mulheres de cor, ficam com o trabalho, com o cuidado laboral pesado, com a criação dos filhos, ou seja, todas são injustamente tratadas, porém, as mulheres de cor são ainda mais. Desta forma, Isabel Allende recupera, por meio de seu romance, os diferentes lugares atribuídos às mulheres na sociedade colonial, a partir de uma combinação de elementos de classe, raça, e gênero: as mulheres brancas da elite, associadas ao casamento, à maternidade e a continuidade da família colonial; e as mulheres negras escravizadas, atreladas à exploração da sua mão de obra e aos abusos sexuais.

Na cena do parto de Eugenia, de início o médico francês Parmentier, desdenha de que possa haver realmente algo acontecendo além do parto em si, e graceja quando Zarité lhe explica que Eugenia pariria um zumbi, e que o Baron Samedi, loa dos mortos, tomaria conta do bebê. Na cena que se segue, podemos observar diversos elementos que compõem a narrativa e entrelaçam-na ao realismo mágico: o vodu, o protagonismo feminino e a incredulidade de Parmentier:

Estava pronta à minha espera, com o seu vestido branco de cerimônia, a sua boba, os seus colares e o asson. Dirigiu-se à casa grande sem me fazer perguntas, subiu a arcada e entrou pela porta dos escravos. Para chegar ao quarto de Dona Eugenia, tinha de passar pela sala, e as pancadas da sua bengala nas tábuas do chão despertaram o amo. «Cuidado com o que fazes a madame», avisou-a com voz trôpega, mas ela não lhe ligou e continuou em frente, percorreu o corredor às apalpadelas e deu com o quarto onde tinha estado muitas vezes para atender Dona Eugenia. Desta vez não vinha como curandeira, mas como mambo, ia enfrentar o parceiro da Morte. Do umbral, Tante Rose viu o Baron Samedi e foi sacudida por um calafrio, mas não recuou. Cumprimentou-o com uma vénia, agitando o asson com o seu chocalho de ossinhos, e pediu-lhe autorização para se aproximar da cama.

O loa dos cemitérios e das encruzilhadas, com o seu rosto branco de caveira e o seu chapéu preto, afastou-se, convidando-a a aproximar-se de Dona Eugenia, que boquejava como um peixe, molhada, com os olhos vermelhos de terror, a lutar contra o seu corpo que se esmerava a soltar a criança, enquanto ela apertava com força para o reter. Tante Rose colocou-lhe ao pescoço um dos seus colares de sementes e conchas e disse-lhe umas palavras de consolo, que repeti em espanhol. Depois, voltou-se para o Baron. O doutor Parmentier observava, fascinado, apesar de só ver a parte que dizia respeito a Tante Rose; pelo contrário, eu via tudo. A minha madrinha acendeu um charuto e abanou-o, enchendo o ar com uma fumarada que impedia a respiração, porque a janela permanecia sempre fechada para impedir a entrada dos mosquitos; a seguir, desenhou um círculo de carvão à volta da cama e pôs-se a rodar compassos de dança, a apontar para os quatro cantos com o asson. Uma vez concluída a sua saudação aos espíritos, fez um altar com vários objectos sagrados da sua bolsa, onde colocou oferendas de rum e contas, e, por último, sentou-se aos pés da cama, pronta para negociar com o Baron. Enredaram-se ambos num prolongado regateio em créole, tão cerrado e veloz que pouco entendi, embora tenha escutado várias vezes o nome Séraphine. Discutiam, aborreciam-se, riam-se, ela fumava o charuto e soprava o fumo, que ele engolia à boca cheia. Continuaram assim durante um grande bocado e o doutor Parmentier começou a perder a paciência. Procurou abrir a janela, mas não era usada há muito tempo e estava trancada. A tossir e a lacrimejar por causa do fumo, tomou o pulso a Dona Eugenia, como se não soubesse que as crianças saem por baixo, muito longe do pulso. Finalmente, Tante Rose e o Baron chegaram a um acordo. Ela dirigiu-se para a porta e, com uma profunda vénia, despediu-se do loa, que saiu com os seus saltinhos de rã. Depois, Tante Rose explicou a situação à ama: o que tinha na barriga não era carne de cemitério, mas sim um bebé normal que o Baron Samedi não levaria. Dona Eugenia deixou de se debater e concentrou-se a fazer força com todo o seu ânimo, e, de repente, um jato de líquido amarelado e sangue mancharam os lençóis. (ALLENDE, p. 35-36).

Após o parto de Eugenia, Zarité procura Parmentier e lhe pergunta se sabe algo sobre seu filho, que Valmorain não permitiu que ela criasse, entregando-o a Violette Boisier, a mesma que arrumara Teté para Valmorain. Violette é uma mestiça livre, a cortesã mais bonita e famosa de Le Cap, na época, capital de São Domingos. Essa figura de força e beleza desempenha um papel importantíssimo em relação à emancipação feminina, e ela e Zarité encontram-se em diversas passagens significativas ao longo da trama, como, por exemplo, quando Violette a compra de Madame Delphine, ou quando Violette adota a criança que Zarité pariu, além de outros episódios na segunda parte do romance. Violette, em seu trabalho de cortesã, herdado de sua mãe, trabalhava com seu corpo e sua sexualidade de maneira livre e ciente dos seus próprios prazeres, enquanto a Zarité, até então, só lhe fora apresentado os abusos sexuais que lhe infringia Valmorain. Essa situação muda drasticamente quando conhece Gambo, escravo capturado que chega para trabalhar na plantação, e que fica a cargo dos cuidados de Zarité, por quem se apaixona. Nas palavras e orações de Zarité:

Eu não conhecia o amor. O que o amo fazia comigo era escuro e vergonhoso, assim lhe disse, mas não acreditava em mim. Com o amo, a minha alma, o meu ti-bon-ange, soltava-se e ia-se embora a voar para outro

lado e só o meu corps-cadavre estava naquela cama. Gambo. O seu corpo leve sobre o meu, as suas mãos na minha cintura, o seu hálito na minha boca, os seus olhos a olharem-me do outro lado do mar, desde a Guiné, era isso o amor. Erzuli, loa do amor, salva-o de todo o mal, protege-o (...) Cuida-me dele, Erzuli, loa das águas mais profundas, esfregando a minha boneca, a que me deu o meu avô Honoré e que então ainda me acompanhava. Vem, Erzuli, mãe, amante, com os teus colares de ouro puro, a tua capa de penas de tucano, a tua coroa de flores e os teus três anéis, um para cada esposo. Ajuda-nos, loa dos sonhos e das esperanças. Protege-o de Cambray, torna-o invisível aos olhos do amo, fá-lo cauteloso em frente aos outros, mas soberbo nos meus braços, cala o seu néscio coração à luz do dia, para que sobreviva, e dá-lhe bravura à noite, para que não perca a ânsia da liberdade. Olha-nos com benevolência, Erzuli, loa dos céus. Não nos invejes, porque esta felicidade é frágil como asas de mosca. Ele irá. Se não for, morrerá, tu sabe-lo, mas não mo tires ainda, deixa-me acariciar as suas costas delgadas de rapaz antes que se convertam nas de um homem. (ALLENDE, 2010, p. 43)

Para Menezes (2019), no texto *Zarite: a representação metonímica da Revolução Haitiana*, a subordinação de Zarité durante os atos sexuais são marcados pelo temor, já que Valmorain é seu senhore ela desconhece que pode fazer algo para mudar isso, já que os abusos iniciaram na sua infância. Porém, podemos observar as marcas de liberdade quando ela vagueia sua alma para outro lugar, ou seja, se o corpo tem de permanecer, a alma e a mente podem vivenciar a liberdade, pois:

Seu corpo não tem forças para lutar contra o estupro, mas sua alma foge para outros lugares. Para tal, Zarité faz uso do Vodou, que marca a evolução e o protagonismo da personagem, pois é por meio de sua fé e de sua Erzuli que sua libertação ocorre de fato. (MENEZES, 2019, p.38).

Para não engravidar, Tété recorria aos remédios de Tante Rose, tal como faziam outras escravas, como punhados de estopa impregnados em vinagre, as infusões de borragem, as defumações de mostarda e o galo sacrificado aos loas para o abortar. Porém, Zarité engravidou novamente, e embora rogasse a sua madrinha que acabasse com o problema, enfiando-lhe um pau pontiagudo, Tante Rose recusou-se, pelo risco de infecção. Tété preocupava-se com que cor nasceria a criança, pois tinha relações com Gambo e, simultaneamente, com Valmorain, que continuava abusando-a sexualmente. Valmorain percebe, após um coito onde ela suportava resignada, que Tété pôs-se a chorar. A atitude surpreendeu-o porque não a tinha visto verter lágrimas desde que lhe tirou o seu primeiro filho.

“Tinha ouvido que os negros têm menos capacidade de sofrer, no entanto, a verdade era que nenhum branco aguentaria o que eles suportavam, e assim como se tiram os cachorros às cadelas ou os vitelos às vacas, se podia separar as escravas dos seus filhos; passado pouco tempo, recompunham-se da perda, e depois nem se recordavam”. (ALLENDE, 2010, p. 45).

Rosette, cujo nome foi escolhido em homenagem a

Tante Rose, era uma menina muito bonita, o que causava tristeza em Zarité, pois, naquele contexto marcado por violências, a invisibilidade era muito mais conveniente para uma escravizada: “Surpreendentemente, por um truque de ilusionismo, a menina se parecia com Violette Boisier. Na complicada classificação racial da ilha, era uma mestiça, filha de branco e de mulata, e tinha saído mais ao pai do que à mãe, na cor” (ALLENDE, 2010, p. 55). No mesmo dia que nasce Rosette, Gambo foge, colocando fim ao romance entre os dois, e retorna após um ano e meio, não mais um menino, e sim um homem. Durante o tempo que esteve fora, Zarité se resigna em suas tarefas, embora angustiada, pedia notícias a Tante Rose, implorando por um remédio contra esse amor, enquanto os abusos de Valmorain seguiam, pois entendia Zarité e seu corpo como uma propriedade sua, sempre a seu serviço. De fato, Teté já não o excitava como antes, porém não tinha motivos para substituí-la. “Às vezes, apanhava uma escrava jovem à mão de semear, mas o assunto não ia mais além de uma violação apressada e menos agradável do que uma página do livro que andava a ler.” (ALLENDE, 2010, p. 41). Zarité dispunha de alguns recursos para lidar com os abusos, de deixar-se ir a mente para outros lugares, e o fato de ter conhecido outras dimensões do prazer:

Digo isto sem vergonha: às vezes, quando dormia com o amo, imaginava que estava com Gambo. Mordia os lábios para segurar o seu nome e, no espaço escuro dos olhos fechados, fingia que o cheiro a álcool do branco era o hálito apostado verde de Gambo, que ainda não tinha os dentes podres por comer peixe estragado, que o homem peludo e pesado, ofegante em cima de mim, era Gambo, magro e ágil, com a sua pele jovem riscada de cicatrizes, os seus lábios doces, a sua língua curiosa, a sua voz sussurrante. Então o meu corpo abria-se e ondulava a recordar o prazer. Depois o amo dava-me uma palmada nas nádegas e ria-se comprazido, então o meu ti-bon-ange voltava para essa cama e para esse homem e eu abria os olhos e dava-me conta aonde estava. Corria para o pátio e lavava-me com fúria antes de me ir deitar com as crianças. (ALLENDE, 2010, p. 59)

Nessa época, a revolução ardia, e Gambo era um guerreiro da linha de frente, que ia de plantação em plantação ateando fogo nas propriedades. Quando as chamas alcançaram a plantação de Valmorain, Saint Lazare, Gambo apareceu na madrugada para salvar Zarité, e lhe explicou suas intenções de levá-la consigo, para que se unissem aos revoltosos no combate ao sistema escravista. Nesse ponto, a história poderia ter tomado um rumo completamente diferente, onde Zarité

se tornaria uma guerreira combatente. Mas, Zarité era mãe, e não poderia abandonar Rosette e Maurice à própria sorte. Dessa forma, o romance narra basicamente a jornada de Zarité de encontro à liberdade. Essa liberdade é conquistada juntamente à época da Revolução, porém, para ela os caminhos são diferentes e as escolhas que a permeiam levam em consideração seus filhos. “Em diversos momentos, Zarité simula subserviência, como mecanismo eventual de sobrevivência, face a uma estratégia maior de conquista posterior da liberdade”. (EICHI, 2015, p. 78). Quando pequena, Teté realiza diversas fugas, tinha muito desejo de ser livre, mas os caminhos de sua emancipação seguem por estradas que desagradam aos homens, inclusive Gambo, que protesta a ideia de Zarité de salvar os filhos do branco, indignado também ao saber que a criança que Zarité estava esperando quando se foi também não era dele, chegando a dizer que, se a menina não fosse tão clara, poderia ser aceita nos acampamentos. Porém, Zarité arquiteta um plano em sua mente para conseguir sua alforria, e acorda Valmorain avisando-o de que ao amanhecer, os revoltosos atearão fogo em toda plantação:

— Vamos procurar salvar a sua vida e a de Maurice, mas o meu preço é a minha liberdade e a de Rosette — disse-lhe, pronunciando bem cada palavra para que me entendesse. Espetou-me os dedos nos braços, aproximando a cara, ameaçadora. Rangia os dentes enquanto me insultava, desnordeado pela raiva. Passou um longo bocado, eterno, e voltei a sentir náuseas, mas não afastei os olhos. Finalmente, sentou-se de novo, com a cabeça entre as mãos, vencido.

— Vai-te embora com esse maldito. Não necessitas que eu te dê a liberdade.

— E Maurice? O senhor não pode protegê-lo. Não quero viver sempre a fugir, quero ser livre.

— Está bem, terás o que pedes. Vamos, apressa-te, veste-te e prepara as crianças. Onde está esse escravo? — perguntou-me.

— Já não é escravo. Vou chamá-lo, mas antes escreva-me um papel com a minha liberdade e a de Rosette.

Sem acrescentar palavra, sentou-se à mesa e escreveu a correr numa folha, depois secou a tinta com talco, soprou-a e selou-a a lacre com o seu anel, como eu o tinha visto fazer sempre com os documentos importantes. Leu-me em voz alta, já que eu não podia fazê-lo. Senti a garganta seca, o coração começou a bater-me no peito: aquele pedaço de papel tinha o poder de mudar a minha vida e a da minha filha. (ALLENDE, 2010, p. 67)

E assim Zarité consegue parte de sua alforria, mas o caminho ainda seria árduo, e os abusos ainda seguiriam constantes, inclusive mais violentos, pela ousadia de desafiar a supremacia de Valmorain. Seguiram os três adultos e as duas crianças, em fuga, enquanto na manhã seguinte, a plantação de Saint Lazare já ardia em chamas, iniciando pelas canas secas, e logo o fogo já estava perto da casa grande. Os

escravos, tanto da casa como da plantação, uniram-se aos rebeldes, alguns a princípio temerosos da represália do amo, mas não tinham escolha de recuar, pois Valmorain também não retornaria à plantação.

Na hora do descanso, Zarité e Gambo se uniam, deixando Valmorain enraivecido, e indignado pela ousadia de Zarité, já tramando sua vingança posterior. Cansados, exaustos e esgotados, ao chegar próximo a capital, Le Cap, Gambo novamente exige de Zarité que vá com ele para se juntar à revolução, já que o combinado era tirar o branco e seu filho vivo de Saint Lazare, mas por que ela tinha que acompanhá-los além daquele ponto? Porque era mãe. Então Gambo deixa-a junto de Valmorain, sem olhar para trás ou sequer despedindo-se, e embora ele sempre retornasse ao pensamento de Zarité, jamais retornam a ver-se. Levando em conta que Valmorain não tinha qualquer contato com trabalho físico, sofreu muito durante a jornada para fugir de Saint Lazare. Zarité, após a ida de Gambo, coloca Valmorain e Maurice escondidos e parte com Rosette amarrada em suas costas em busca de ajuda, e caminha por horas, sem água e sem comida, encontra força em suas orações a Erzuli.

Quem encontra Zarité é Etienne Relais, capitão do exército francês, e marido de Violette, e ela o leva até onde estão Maurice e Valmorain, que atordoado, agradece incessantemente. Porém, ao chegarem à casa do intendente aonde ficariam hospedados, Valmorain assume uma postura orgulhosa, e conta a história de como ele salvara Zarité e as crianças. Ao final da primeira parte do romance, Valmorain articula junto de Sancho Garcia del Solar, seu cunhado, irmão de Eugenia, a sua ida para Louisiana. Enquanto isso, permanecem em Le Cap, e mesmo que as plantações ardessem e a rebelião se aproximasse da capital, os colonos permaneciam luxando, a diferença era que agora pagavam um pouco mais caro. A Paris das Antilhas, como era chamada Le Cap, exalava a excrementos e lixo, com cadáveres espalhados em valas. Portanto, Zarité permanecia na condição de escravizada, tendo até que tomar aulas pessoais com o mordomo da intendência, Zacharie, que tinha crescido no local. É Zacharie quem explica a Tete que aquele papel de sua alforria de nada valia se não fosse reconhecido juridicamente, e Valmorain não tinha

intenção alguma de reconhecê-lo, e os abusos, principalmente sexuais, seguiram ainda mais intensos:

Assaltou-a de novo, penetrando-a com fúria, surpreendido com a sua própria energia. Ela gemeu e ele começou a dar-lhe murros, com a ira dos ciúmes e o prazer da vingança, «cadela vadia, vou vender-te, puta, puta, e também vou vender a tua filha». Tété fechou os olhos e abandonou-se, o corpo flácido, sem opor resistência nem procurar evitar as pancadas, enquanto a sua alma voava para outro lado. «Erzuli, loa do desejo, faz com que acabe depressa.» Valmorain desmoronou-se em cima dela pela segunda vez, encharcado em suor. Tété esperou, sem se mexer, vários minutos. (ALLENDE,2010, p. 75)

De acordo com Frantz Fanon, psiquiatra e filósofo martinicano, em *Pele negra, mascaras brancas* (1952), o roubo da história de povos sobre povos resulta em um complexo de inferioridade decorrente do sepultamento de uma originalidade cultural. A partir daí, o ser se encontra em uma zona de 'não-ser', sempre à espera de poder descer pela rampa onde um ressurgimento pode acontecer. Enquanto isso, o sujeito se mantém num processo de não valorização de si mesmo, onde duvida de si próprio enquanto objeto capaz de suscitar a simpatia ou amor do outro. Esta não valorização de si enquanto objeto digno de amor e compreensão tem sérias consequências, em que mantém o sujeito em um estado de insegurança interior, e por isso falseia e inibe qualquer relação com o outro, partindo de um medo de mostrar-se tal como é, pois não encontra dentro de si próprio qualidades que lhe foram roubadas para serem impostas verdades alheias que não lhe condizem. Ou seja, mesmo com o papel de sua alforria, Zarité ainda permanece calada e consentida ao lado de Valmorain servindo-o, sem jamais o enfrentar. Esses fatores acarretam em um zelo sádico, que assola principalmente as mulheres, já que não enxergam outra escolha além de se manter em relacionamentos superficiais baseados em um patriarcalismo oriundo da colonização. Apesar dos abusos, Zarité tinha certos privilégios que outros escravos não tinham, comandava a casa grande e lá dormia, com as crianças, e fornecia relatórios a Valmorain sobre o funcionamento da casa, do qual ele nada tinha com que se preocupar, seja em Saint Lazare, seja em Le Cap ou na Louisiana. A consideração pela vida das mulheres e pela sua qualidade de vida continua a ser alvo de um encolher de ombros displicente, portanto, apesar de oferecidas escolhas, como a de fugir com Gambo, Zarité não tem opção além de seguir com Valmorain, por seus filhos,

pelo papel que foi ensinada a prestar desde sua infância, já que dedicava a Eugenia um cuidado materno, e servia a Valmorain como a mercadoria que era tratada.

Depois que saíram de Le Cap, passaram por Cuba, quando Zarité fazia compras de acordo com as instruções de Valmorain, ouviu os tambores e não conseguiu resistir ao apelo, e como havia muito tempo que ela não sentia o impulso do vodu, juntou-se a algazarra: “escravo que dança é livre enquanto dança, como lhe tinha ensinado Honoré” (ALLENDE, 2010, p. 86).

Quando dança junto dos loas, ela “não pertence a Valmorain, pertence à Guiné (sua ilha sob o mar tão desejada) e pertence à sua fé, pois é por meio desta que pode ser livre e protagonista de sua própria história. Por meio da dança, como parte do rito Vodou, e pelos momentos de felicidade e desprendimento que sua fé proporciona é que atravessa a ponte metafórica entre a escravidão e a liberdade”. (MENEZES, 2019, p. 40).

Rosette uniu-se a ela na dança, enquanto Maurice amedrontou-se e saiu correndo, e logo foi encontrado por um policial, que foi invadiu a cerimônia para dar voz de prisão a Zarité, por ter abandonado o filho de Valmorain para se juntar aos negros. “Na escuridão sufocante da cela, a tresandar a urina e excrementos, Tété encolheu-se num canto com Rosette nos braços”. (ALLENDE, 2010, p 86).

Valmorain estava à espera do outro lado da porta. De acordo com as instruções dadas ao verdugo, com o pagamento habitual e uma gorjeta, pregaria um susto inesquecível à sua escrava, mas sem a magoar. Nada de sério tinha acontecido a Maurice, ainda bem, e, dentro de dois dias, partiam de viagem; precisava de Tété mais do que nunca e não podia levá-la acabada de ser açoitada. O chicote estatelou-se contra o empedrado do pátio a soltar faíscas, mas Tété sentiu-o nas costas, no coração, nas entranhas, na alma. Dobraram-se-lhe os joelhos e ficou pendurada pelos pulsos. De muito longe, chegou-lhe a risada do verdugo e um grito de Rosette: «Monsieur! Monsieur!» Com um esforço brutal, conseguiu abrir os olhos e voltar a cabeça. Valmorain estava a poucos passos e Rosette tinha-lhe abraçado os joelhos, com o rosto enterrado nas suas pernas, sufocada pelos soluços. Ele acariciou-lhe a cabeça e pegou-a ao colo, onde a menina se abandonou, inerte. Sem uma palavra para a escrava, fez um sinal ao verdugo e deu meia-volta rumo à porta. O congolês desatou Tété, pegou na sua roupa rasgada e deu-lha. Ela, que instantes antes não conseguia mexer-se, seguiu Valmorain depressa, a cambalear, com a energia nascida do terror, nua, a segurar os trapos contra o peito. O verdugo acompanhou-a à saída e entregou-lhe a bolsa de couro com a sua liberdade. (ALLENDE, 2010, p. 87).

Quando enfim chegam a Louisiana, Zarité ainda passa sete anos prestando serviços a Valmorain até conseguir sua emancipação de fato. Após um tempo, Valmorain casa-se novamente, e nesse momento, os

abusos sexuais cessaram, pois, casado com uma jovem como Hortense, Valmorain já não tinha mais interesse em Zarité, embora sua esposa se sentisse constantemente ameaçada. Para que Hortense não tenha de lidar com Rosette, que claramente é sua filha, Valmorain a envia para um colégio interno, o que não a impediu de fazer perguntas e encontrar uma solução para o problema da concubina e sua filha, querendo vender Rosette a sua irmã, o qual Valmorain se opõe, deixando-a contrariada. Quando Zarité consegue sua liberdade de fato, Valmorain lhe dirige as seguintes palavras:

— Embora me tenhas causado um grave prejuízo, não te guardo rancor, mulher — disse-lhe em tom paternal, satisfeito com a sua própria generosidade. — Suponho que vais acabar a mendigar, mas, pelo menos, salvarei Rosette. Continuará nas Ursulinas até completar a sua educação. — A sua filha ficar-lhe-á grata, monsieur — replicou ela e partiu rua fora, a dançar. (ALLENDE, 2010, p. 121).

Valmorain e Zarité encontram-se novamente quando ele recebe a notícia de que as Ursulinas, as freiras que estão educando Rosette, vão embora para Cuba, então o francês a procura na casa de Violette, pois sabia que Teté estava trabalhando para sua antiga amante. Zarité ofereceu-lhe um café, do qual ele aceitou, observando contrariado a atitude dela de também servir o café para si mesma. Para ele, ela estava agindo com superioridade, e “embora não o olhasse nos olhos e tenha cometido a insolência de se sentar, atrevia-se a beber café na sua presença sem lhe pedir licença, porém, não encontrou na voz a submissão de outrora.” (ALLENDE, 2010, p. 133). Valmorain então a comunica sobre Rosette, que amanhã teria de ser retirada do colégio, que agora ficaria aos cuidados da mãe, e quando Zarité tenta protestar, a solução de Valmorain é que ela arranje logo um marido que a sustente.

A indignação queimou Tété como uma labareda, mas trinta anos a obedecer àquele homem e o temor que sempre lhe inspirara, impediu-a de lhe dizer o que tinha na ponta da língua. Não tinha esquecido a primeira violação do amo, quando era uma criança, o ódio, a dor, a vergonha, nem os posteriores abusos, que aguentou durante anos. Calada, trémula, entregou-lhe o seu chapéu e conduziu-o à porta. No umbral, ele deteve-se.  
— Serviu-te para alguma coisa a liberdade? Vives mais pobre do que antes, nem sequer contas com um tecto para a tua filha. Em minha casa, Rosette teve sempre o seu lugar.  
— O lugar de uma escrava, monsieur. Prefiro que viva na miséria e seja

livre — replicou Tété, contendo as lágrimas.  
— O orgulho será a tua condenação, mulher. Não pertences a lado nenhum, não tens um ofício e já não és jovem. O que vais fazer? Fazes-me pena, por isso, vou ajudar a tua filha. Isto é para Rosette. Entregou-lhe uma bolsa com dinheiro, desceu os cinco degraus que conduziam à rua e foi-se embora a caminhar, satisfeito, em direcção a sua casa. Dez passos mais adiante já se tinha esquecido do assunto, tinha outras coisas em que pensar. (ALLENDE, 2010, p.134)

Zarité e Rosette vivem então com Violette, que, nesse ponto da narrativa, trabalha como Rosette para o plaçage. Violette compartilha conhecimentos preciosos em relação ao próprio corpo, e Teté se recorda que Tante Rose tentava amenizar o sofrimento dos abusos sexuais de Valmorain, mas que na época ela não podia conceber, por ser uma criança assustada. Tante Rose dava-lhe banhos de ervas e cataplasmas para a curar. Para Teté, era estranho ouvir Violette falar sobre prazer de uma maneira tão aberta, Zarité inicia um romance com Zacharie, e comenta que, além de Tante Rose, ele é a única pessoa que contou as cicatrizes no corpo de Zarité das vezes que Valmorain apagou o charuto em sua pele.

Após o baile e a situação com Rosette e Maurice, em que Valmorain adocece, Zarité recebe um bilhete, no qual Valmorain solicitava sua presença. Com muitos receios, ela se dirige à casa, e Valmorain, que teve um ataque cerebral e se encontrava inválido em sua cama, pede para que Zarité o cuide:

Quando Tété se aproximou para ouvi-lo, porque não o entendia, agarrou-a com força pelo braço, empregando a sua mão sã, e obrigou-a a sentar-se a seu lado na cama. Não era um idoso desamparado, ainda era temível. «Vais ficar aqui a tratar de mim», exigiu-lhe. Era a última coisa que Tété esperava ouvir e ele teve de lho repetir. Espantada, compreendeu que o seu antigo amo não fazia a menor ideia de quanto ela o detestava, nada sabia da pedra negra que sentia no coração desde que a violou aos onze anos, não conhecia a culpa ou o remorso, talvez a mente dos brancos nem sequer registasse o sofrimento que causavam aos outros. O rancor só a tinha angustiado a ela, a ele não lhe tinha tocado. Valmorain, cuja nova clarividência não foi suficiente para adivinhar o sentimento que provocava em Tété, acrescentou que ela tinha cuidado de Eugenia durante muitos anos, aprendera com Tante Rose e, segundo Parmentier, não havia melhor enfermeira. Estas palavras foram acolhidas por um silêncio tão longo que Valmorain acabou por compreender que já não podia dar ordens àquela mulher e mudou de tom. «Pagarei o que for justo. Não. O que me pedires. Faz isso em nome de tudo o que passámos juntos e dos nossos filhos», disse-lhe entre baba e ranho. (ALLENDE, 2010, p. 161)

Zarité recusa o pedido. Pensa em dizer-lhe todos os motivos de porque não o ajudaria, mas anos de opressão não a fizeram ter coragem para o enfrentar, mesmo que o mesmo estivesse inválido na cama. □

Rosette, grávida de Maurice, e diferente de sua mãe, tivera educação junto dos brancos, num colégio católico, e não percebia ou encarava sua situação subalternizada. Enquanto Zarithé se cala perante as atrocidades e conquista sua liberdade com paciência demasiada, Rosette responde impetuosamente aos desafios. Nessas circunstâncias, Rosette encontra Hortense em uma loja, que se indigna com o fato da jovem estar grávida, pois poderia ameaçar seu poderio diante da fortuna de Valmorain se o filho fosse um menino, já que Maurice poderia reivindicar a favor do filho. Desse encontro, do qual Rosette fora provocada até reagir ativamente, o poderio da mulher branca sobressaiu-se, conseguindo com que Rosette fosse presa.

A jovem recuou, para proteger o pescoço, e então Hortense pregou-lhe uma bofetada na cara. Rosette tinha vivido com os privilégios de uma menina livre, primeiro em casa de Valmorain e depois no colégio das Ursulinas. Nunca se sentira escrava e a sua beleza dava-lhe uma grande segurança. Até esse momento, nunca sofrera o abuso dos brancos e não suspeitava do poder que tinham sobre ela. Instintivamente, sem se dar conta do que fazia nem imaginar as consequências, devolveu a pancada àquela desconhecida que a tinha atacado. Hortense Guizot, apanhada de surpresa, cambaleou, dobrou-se-lhe um salto e por pouco não caiu. Pôs-se a gritar como endemoninhada e, num instante, formou-se uma multidão de curiosos. Rosette viu-se rodeada de gente e quis fugir, mas seguraram-na por trás e, momentos mais tarde, os guardas levaram-na detida (ALLENDE, 2010 p. 164)

A reação de Zarithé é ir à casa de seu antigo senhor, implorar a Hortense que retirasse as acusações. Hortense negou, e expulsou Zarithé de sua casa aos empurrões. Rosette, presa, suportou os maus tratamentos durante seis meses até o juiz rever seu caso. Estava sendo acusada de agredir a pancada uma senhora branca, e a pena consistia em açoites e dois anos de prisão. Foi poupada dos açoites, pois estava grávida em estado avançado. Quem intercedeu fora o padre, que foi pessoalmente falar com Valmorain, já que, pelo seu estado de saúde, encontrava-se no campo, na plantação. Quando soube da gravidez de Rosette, que Maurice jamais o perdoaria se algo acontecesse ao seu filho, foi pessoalmente à delegacia exigir que todas as acusações contra Rosette fossem liberadas. O parto de Rosette ocorreu poucos dias depois, e muito doente e debilitada pelo tempo em cárcere, acabou não resistindo, e faleceu nos braços de Zarithé.

A prisão e a morte de Rosette são acontecimentos

que fecham a trama com assombro, ao relatar a vida dos escravizados, apesar da resistência e das conquistas de liberdade, os privilégios dos brancos sobressaem, pois até mesmo Maurice, que se diz abolicionista, após a morte de Rosette, abandona seus ideais e se une a expedição para adentrar o interior do país e exterminar os indígenas. Isabel Allende, que também perde uma filha jovem, nos trás uma dimensão do sofrimento de Zarité, e então podemos observar a atuação da literatura ao contar uma história real por meio da ficção, a dor de duas mães, uma criada pela outra, uma chilena viva neste século, e a sua personagem, uma mulher negra, de séculos atrás, a compartilhar e sofrer a mesma perda. “Talvez nisto consista o poder prodigioso da palavra escrita: permite-nos preservar a memória, transformar o sofrimento em força, renascer em cada estação, como as velhas árvores que desenvolvem folhas novas depois de cada inverno.” (ALLENDE, 1997, p. 23). A morte de Paula é descrita da seguinte maneira, no livro Paula:

Começou a elevar-se e eu subi também pendurada ao seu vestido. Ouvi novamente a voz da Vovó: Não podes ir com ela, bebeu a poção da morte... Mas impeli-me com as últimas forças e consegui agarrar-lhe a mão, disposta a não a largar, e ao chegar lá acima vi o tecto a abrir-se e saímos juntas. Lá fora amanhecia, o céu estava pintado e pinceladas de ouro e a paisagem estendida aos nossos pés refulgia, recém-lavado pela chuva. Voámos sobre vales e montes e descemos por fim no bosque das antigas sequóias, onde a brisa soprava por entre os ramos e um pássaro atrevido desafiava o Inverno com o seu canto solitário. A Paula apontou-me o riacho, vi rosas frescas caídas na margem e uma poeira branca de ossos calcinados lá no fundo e ouvi a música de milhares de vozes a sussurrar entre as árvores. Senti-me a mergulhar naquela água fresca e apercebi-me que a viagem através da dor terminava num vazio absoluto. Ao diluir-me tive a revelação de que esse vazio está cheio de tudo o que o universo contém, É nada e é tudo ao mesmo tempo. Luz sacramental e escuridão insondável. Sou o vazio, sou tudo o que existe, estou em cada folha do bosque, em cada gota do orvalho, em cada partícula de cinza que a água arrasta, sou a Paula e também sou eu própria, sou nada e tudo o resto nesta vida e noutras vidas, imortal. Adeus, Paula, mulher. Bem-vinda, Paula, espírito. (ALLENDE, 1997, p. 431)

Enquanto a morte de Rosette, para Zarité:

A dor atroz que senti não se pode descrever, mas não preciso de fazê-lo: as mães conhecem-na, porque só umas poucas, as mais afortunadas, dão à luz, vivos, todos os seus filhos. Pela madrugada, chegou Adele para nos trazer sopa e foi ela quem soltou Rosette dos meus braços como garrotes e a estendeu na sua cama. Durante algum tempo, deixou-me gemer dobrada de dor no chão e depois pôs-me uma malga de sopa nas mãos e recordou-me as crianças. O meu pobre neto estava agachado ao lado da minha Violette, no mesmo berço, tão pequeno e desamparado que a qualquer momento podia ir atrás de Rosette. Então, tirei-lhe a roupa, coloquei-o no trapo largo do meu tignon e amarrei-o atravessado sobre o meu peito nu, colado ao meu coração, pele contra pele, para que julgasse que ainda estava dentro da sua mãe. Andei assim com ele várias semanas. O meu leite, assim como o meu carinho, chegava para a minha filha e para o meu neto. Quando tirei Justin do seu invólucro, estava pronto para viver neste mundo. (ALLENDE, 2010, p. 166)

Portanto, podemos concluir, dentre todas essas observações acerca da representação histórica do protagonismo feminino e negro na revolução haitiana, que os caminhos percorridos são diversos, e Allende nos exemplifica com cenas ao decorrer do romance, através das relações entre os personagens. Esses caminhos envolvem estratégias de subversão, mas também de subserviência, como a relação de Zarite com sua religião, sua maneira de escapar da dura realidade que a encarava, e encontrar liberdade por meio do culto a Erzuli, o mesmo vodou que assombra Eugenia. A relação de poder entre Valmorain e Zarite e todos os percursos necessários para que enfim sua liberdade seja concedida, até mesmo na recusa passiva em servi-lo no momento de sua debilidade, em contraste à atitude de Rosette diante aos desafios do racismo que acerbam a sociedade escravocrata, e por fim a exemplificação do sentimento de perda de um filho, vivenciado pela própria autora. *A Ilha Sob o Mar* é um romance difícil de ser lido, que não tem um final feliz, e a realidade da qual viveu Zarité e todos os personagens em meio a tantas dificuldades que os cercavam, nos é apresentado através do ponto de vista de uma mulher negra, e dessa maneira se caracteriza o realismo mágico, através da resistência pelo vodou, pelo cotidiano impossível de ser vivenciado, mas que não resta outra opção além de vivê-lo. □

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisarmos o romance *A Ilha Sob o Mar*, da romancista chilena Isabel Allende, partimos, em primeiro lugar, de uma perspectiva teórico-metodológica que compreende o uso da literatura como fonte histórica, considerando a literatura como um objeto cultural e parte construtiva de um contexto histórico. Essa abordagem, inspirada em referenciais da História Cultural, possibilita aproximar-se da fonte literária com um olhar voltado à compreensão da complexidade e da totalidade das experiências humanas, o que leva dilatação nos territórios temáticos da história, assim podendo trazer elementos da ficção e do imaginário. Com isso, podemos enfim compreender outra maneira de entender a história a partir da cultura literária em especial, o modo como escritores e romancistas

representam o mundo social através da escrita literária, que nos fornece meios para compreender o mundo ao nosso redor, como um exercício de reconfiguração do tempo e indagação da realidade.

Isabel Allende concebe, ao longo das suas obras, uma maneira de refletir sobre a experiência subjetiva das pessoas no tempo, interagindo com os contextos sociais e culturais, seja em *A Casa dos Espíritos*, que nos apresenta a ditadura chilena, do qual, em seu auto-exílio na Venezuela, ao integrar-se a cultura venezuelana, pode absorvê-la para alimentar seus escritos, como a trilogia que conta sobre o folclore venezuelano; em *A Ilha sob o Mar*, que se passa no Caribe e enfatiza as experiências subjetivas de mulheres como a escravizada Zarité; ou através de seus livros autobiográficos, a exemplo de *Paula* e *A Soma dos Dias*, nos quais a romancista reflete sobre a construção de suas memórias e a percepção de si mesma e dos locais em que viveu. O fato de ter de sair de seu local de origem, e os caminhos percorridos para retornar, ocorrem a partir do resgate da memória pela narrativa ficcional.

Além disso, percebe-se que através de seus romances, Allende referencia diversas experiências latino-americanas e caribenhas, tais como a revolução haitiana, contada em *A Ilha Sob o Mar*, ou a ditadura militar chilena em *A Casa dos Espíritos* e *De Amor e de Sombra*, a corrida do ouro nos Estados Unidos em *Retrato em Sépia*. Esses romances fornecem alguns exemplos de como Isabel Allende trabalha em seus escritos as experiências históricas do continente, aproximando-se, portanto, do realismo mágico, que busca compreender as modernidades latino-americanas, tratando da herança colonial e da violência que a mesma nos trouxe. Através de suas obras, Isabel Allende busca representar a reapresentar a historicidade latino-americana pelas sendas da literatura, e assim, por meio da ficção, que nos fornece tanto entretenimento quanto informação, as obras do realismo mágico, atuam como uma preservação da memória, já que expressa sobre a realidade latino-americana e suas características e complexidades culturais.

Em *A Ilha Sob o Mar* conhecemos a história da revolução haitiana a partir de diversos pontos de vista:

dos negros, dos brancos, dos mulatos, dos homens e das mulheres, livres e escravizados. Como observado ao longo deste trabalho, a representação da revolução haitiana na literatura ganhou destaque a partir dos movimentos de vanguarda, e um dos primeiros textos do realismo mágico, *O Reino Deste Mundo*, de Alejo Carpentier, retrata a história da revolução, o que nos mostra a relevância do tema dentro da literatura, da história e da cultura. A revolução e seus agentes principais tomaram corpo e vozes através da literatura, como retratado nesta pesquisa, personagens como Mackandal e Toussaint Louverture. Porém, Isabel Allende nos traz a perspectiva feminina dentro da narrativa, pois a história não se constitui apenas por homens. Pela história de Zarité, os caminhos de sua emancipação, suas escolhas e enfrentamentos, podemos observar como a colonização atua sobre os seres humanos, e como é representada pela literatura.

Portanto, no primeiro capítulo podemos introduzir ao leitor alguns aspectos da relação entre História e Literatura, bem como a trajetória de Isabel Allende e os percursos de seus escritos, além da sua presença no campo do realismo mágico latino-americano. Sendo a autora uma mulher, a característica de personagens femininas marcantes são visíveis em suas obras, e em *A Ilha Sob o Mar*, esse papel é preenchido por Zarité. A história da revolução haitiana, levando em consideração questões como o tráfico negreiro, a intensa colonização e mercantilização da época, e como essa história nos foi apresentada dentro da historiografia foi exposta no segundo capítulo, que por fim, reflete sobre os desdobramentos da literatura caribenha e latino-americana dentro da temática da revolução haitiana. No terceiro capítulo, por fim, através da análise do discurso literário, apontamos os principais pontos da narrativa, os personagens, os enlances, e as decorrências de cada acontecimento.

Por fim, essa pesquisa teve como objetivo relacionar a história e a literatura por meio do romance *A Ilha Sob o Mar* de Isabel Allende, através das representações históricas que o romance aponta, como por exemplo, a revolução haitiana, tanto dentro do âmbito macro, como a revolta dos escravos e as reações dos franceses, como o ponto de vista pessoal de Zarité, trazendo a perspectiva feminina. Por meio dos

protagonismos e agenciamentos de Zarité, Allende reflete sobre as experiências individuais e coletivas de mulheres negras que, naquele contexto histórico, buscavam constituir espaços de liberdade em uma sociedade profundamente marcada pela escravização de corpos negros, pelo patriarcalismo e pelo colonialismo.



## REFERÊNCIAS

ALLENDE, Isabel. **A ilha sob o mar**. Tradução de Ernani Ssó. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

DAVIS, Natalie Zemon. **Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa, v. 2: a configuração do tempo na narrativa de ficção**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GAY, Peter. **Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens Gustave Flaubert e Thomas Mann**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. In: RAGO, Margareth (org.). **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: UNICAMP/IFICH, 2014.

ALBERTI, Verena. **Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa**. Estudos Históricos, v. 4, n. 7, 1991, pp.66-81.

Citação: BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: FGV, 2006.

VALDÉS, Camila A. Gozález. **“A la necesidad de la mujer moderna”**: revista Paula y representación. Una muestra de ello: ‘lo culinario’ (1967 – 1974). Monografía (História). Santiago de Chile: Universidad de Chile, 2017.

SIERRA, Constanza Javiera Castillo. **El amor entre el revolucionario socialismo y el salvaje neoliberalismo**: Breve estudio sobre la transformación en la conformación del discurso en torno al amor romántico y su respectiva representación femenina en la revista Paula durante los años 1970 y 1985. Monografía em História. Santiago de Chile: Universidad de Chile, 2018.

OPAZO, Andreia; FIUZA, Adriana. Diálogos entre História e Ficção: La casa de los espíritus, de Isabel Allende. **Revista Entre Parênteses**, v. 10, n. 2, 2021, p. 1-16.

SOARES, Maria Cristina do Couto. **Realismo mágico, feminismo e resistência ao autoritarismo em A Casa dos Espíritos, de Isabel Allende**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2022.

MARTINS, Estevão de Rezende. Cultura, história, cultura histórica. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 14, n. 25, jul.-dez. 2012, pp. 63-82.

SÁNCHEZ COSTA, Fernando. La cultura histórica. Una aproximación diferente a la memoria colectiva. **Pasado y Memoria**: Revista de Historia Contemporánea, n. 8, 2009, pp. 267-286.

GOMES, Angela de Castro. A "cultura histórica" do Estado Novo. **Revista Projeto História**, v. 16, 1998, pp.121-141

MAIA, Gretha leite. Alumbrar-se: realismo mágico e resistencia as ditaduras na América Latina. **ANAMORPHOSIS** – Revista Internacional de Direito e Literatura v. 2, n. 2, julho-dezembro 2016

CASER, Maria Mirtis. Sobre desejos, sabores e resistencia em Isabel Allende e Laura Esquivel. **Revista Mosaicum**, n. 16 - Jul./Dez. 2012

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

IEGELSKI, Francine. História conceitual do realismo mágico: a busca pela modernidade e pelo tempo presente na América Latina. **Revista Almanack**, n. 27, 2021, pp. 1-15.

SILVA, Caio Pedro. Interpretações da Rebelião Cristera: idas e vindas nas abordagens do conflito religioso. **Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Vitória: ANPHLAC, 2008.

GORENDER, J. (2004). **O épico e o trágico na história do Haiti** . *Estudos Avançados*, *18*(50), 295-302. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9988>

TONET, T. P. Considerações histórico-literárias sobre a revolução escravocrata de saint-domingue em la isla bajo el mar (2009), de Isabel Allende. **Revista de Literatura, História e Memória** Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/16830>. Acesso em: 3 fev. 2023.

OYAMA, Maria Helena Valentim Duca. **O Haiti como locus ficcional da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant** / Maria Helena Valentim Duca Oyama. – 2009.

FIGUEREDO, Eurídice. O Haiti: história, literatura, cultura. **Revista Brasileira do Caribe**, Goiânia, Vol.VI, nº12. Jan-Jun 2006, p. 371-395

NORONHA, Luiza. **Acertando as contas com o passado: a demanda de reparação do Haiti contra a França em decorrência da escravidão e colonização.** Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais). Florianópolis: UFSC, 2017.

LOGIS, Berno. **Cor, privilégios e liberdade na época da revolução: A luta de Julien Raymond em São Domingos-Haiti (1789-1794).** Dissertação de Mestrado (História). Assis: UNESP, 2020.

FICK, Carolyn. **From Slave Colony to Black Nation: Haiti's Revolutionary Inversion.** Duke University Press, 2017.

FICK, Carolyn E. **The Making of Haiti: The Saint Domingue Revolution from Below.** Knoxville: Univ. of Tennessee Press, 1990.

ZAVITZ, Erin. Revolutionary narrations: Early Haitian historiography and the challenge of writing counter-history. **Atlantic Studies**, v. 14 n. 3, 2017, 336-353.

BONGIE, Chris. "The Cry of History": Juste Chanlatte and the Unsettling Presence of Race in Early Haitian Literature. **MLN**, v. 130, n. 4, 2015, pp. 807-835

MARCUSSI, Alexandre Almeida. O anticolonialismo como tragédia: "Os jacobinos negros" entre a História e a política. **Cadernos de História**, v. 19, n. 30, 2018, pp. 95-122.

CURIEL, Ochy. Gênero, raza, sexualidad: debates contemporâneos. In: **Conferencia Magistral, em el marco de la especialización maestría de estudios de la mujer.** N1, 2011, Universidad Autónoma Metropolitana Xochimilco, México.

LUGONES, Maria. **Colonialidad y género.** 76. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, No.9:

BARBOSA, Laissy Tayña da Silva. PAVANI, Cinara Ferreira. A escrita pós-colonial de Isabel Allende, em A ilha sob o mar. **Travessias interativas.** São Cristóvão, SE. Vol. 15, n. 1 (2018), p. 321-331

• DOS SANTOS, B. C. BORGES, E. de J. (2018). Realismo mágico e real maravilhoso: um anseio de afirmação da literatura latino-americana. **Cadernos CESPUC De Pesquisa Série Ensaio**, (32), 20-27. <https://doi.org/10.5752/P.2358-3231.n32p20-27>

JAMES, C. R. L. **Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000

MENEZES, Valéria Sales. **Zarité: a representação metonímica da descolonização haitiana**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2019.

EICH, Milena Campos. **Deuses que dançam e conclamam a revolução** - A construção da identidade de resistência em A Ilha sob o Mar de Isabel Allende. 114 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PESAVENTO, S. J. (2012). O mundo como texto: leituras da história e da literatura. **Revista História Da Educação**, 7(14), 31–45

PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (org.) **O historiador e suas fontes**. Capítulo A fonte Fecunda. São Paulo: Contexto, 2009.

ZAPATA, Celia Correias. **Isabel Allende, vida y espíritus**. Barcelona: Plaza & Janés, 1999.

ALLENDE, Isabel. **Paula**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade : uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ARAUJO,, A. A. de A. (2020). Família, capital social e

migração: a diáspora haitiana. **Ideias**, 11, e020003.  
<https://doi.org/10.20396/ideias.v11i0.8658548>

MELLO, Iran Ferreira. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa**, Lingüística e Literatura Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009

MILAZES, Nilton. SANTOS, Janaina de Jesus. **Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares** São Carlos : Claraluz, 2009.